

16

Ler ficção é bom para pastor: o lugar da leitura ampla e variada na formação do pregador

EMILIO GAROFALO NETO



Ficção é uma das poucas experiências em que a solidão
pode ser tanto confrontada quanto aliviada.

— David Foster Wallace

Literatura ficcional expande a amplitude de nossas experiências e nos
faz crescer em simpatia para com os outros. Através da literatura po-
demos saborear as experiências de vida daqueles que vivem em terras
distantes, culturas distintas, e em gerações agora extintas.

— Tony Reinke

A literatura nos ensina a notar melhor a vida; praticamos isso na vida,
o que nos faz, por sua vez, ler melhor o detalhe na literatura, o que, por
sua vez, nos faz ler melhor a vida.

— James Wood

INTRODUÇÃO

O Lau me fez ler. Não, não foi ele quem me ensinou a ler. Tal função
coube à professora do pré-primário; sinto não lembrar o nome dela. Tam-

pouco foi ele quem me fez gostar de ler.¹ Creio que tal dádiva vem de meus pais que não hesitavam em colocar livros em minhas mãos. Sempre gastavam parte do apertado orçamento familiar nos anos 80 comprando livros da Coleção Vagalume² e livros-jogo, além, é claro, de C. S. Lewis à vontade. Quadrinhos da Turma da Mônica, da Marvel, da DC, Disney, Garfield, Recruta Zero, Astérix & Obelix, Lucky Luke e assim por diante. Havia várias leituras obrigatórias na escola, várias eram ótimas; mas as melhores eram as que eu mesmo escolhia.³ Depois fui ampliando a gama de meus escritores, adicionando ao círculo de meus contadores de história nomes como Frederick Forsyth, Conan Doyle, Ken Follett, John Grisham e Scott Turow. Além de livros de não ficção, como os de relatos das aventuras do Amyr Klink, inúmeros livros esportivos e tantos outros que me cativaram e me fizeram perder horas que poderiam ter sido gastas ao Sol desenvolvendo minhas habilidades futebolísticas. Penso que, para a vocação que acabei seguindo, valeu a pena.⁴

O Lau não me fez ler, mas foi o Lau quem me fez perceber o quanto a leitura ampla ajudava um pastor na sua pregação. Parece-me que pregadores que têm seus corações expostos à leitura diversificada acabam transparecendo melhor no púlpito os conteúdos da própria Escritura Sagrada.⁵ Por volta

-
- 1 Aliás, antes de prosseguirmos, um aviso: farei referência a inúmeras obras de ficção ou não ficção neste artigo. Seguindo James Wood em seu *Como funciona a ficção* (Cosac Naify, p.15), não vou prover dados bibliográficos completos para tudo, apenas para o que eu citar. Vivemos na era eletrônica, oras bolas, nomes do livro e do autor são tudo o que você, amado leitor, precisa para encontrar o que deseja.
 - 2 Títulos deliciosos como *Perdidos no mar*, *O mistério do cinco estrelas*, *O escaravelho do diabo*, *Coração de onça* e tantos outros.
 - 3 Com todo respeito a Machado de Assis, José de Alencar, Lima Barreto e tantos outros que li no ensino fundamental. Teria sido melhor esperar um pouco mais para conhecê-los, ilustres amigos. Cheguei a alguns de vocês cedo demais. Aliás, sem dúvida alguma, nenhum dos adolescentes daquela 7ª série estava pronto para *O Cortiço* de Aluizio de Azevedo, por certo era cedo demais!
 - 4 Com isso não nego que futebol seja bom para pastor. Veja meu artigo “Futebol é bom para pastor: o jogo bonito, etnia, cultura e a imagem de Deus” no livro *A sistemática da vida* (Editora Monergismo, 2015, p. 475-508). E há de minha parte um certo exagero em dizer que a leitura tomou o lugar do esporte. Por certo foram ao menos 4 horas semanais de futebol por cerca de 10 anos. Hoje as vértebras não aguentam mais que alguns minutos em campo, e mesmo assim, apenas em frequente posição de impedimento usufruindo do correr alheio.
 - 5 Para um interessante artigo investigando o lugar das sensibilidades artísticas no entendimento teológico, veja “Meredith George Kline: Artist-Exegete” de Gregory Edward

do início da década de 90, quando Lau e família regressaram ao Brasil, eu sempre gostava de ouvi-lo pregando. E achava curioso como ele ilustrava seus pontos de maneira peculiar e esclarecedora. Ele utilizava ampla e cuidadosamente ideias e percepções de autores que não eram teólogos, mas que demonstravam *insights* sobre aspectos da vida que eram iluminados e consertados pela revelação especial. Nomes como Oliver Sacks e Helen Keller entraram em minha vida via sermões do Lau. Percebi em suas pregações uma profundidade ímpar e suspeitei que seu amplo conhecimento de autores e ideias fosse um dos pilares de tal profundidade. Essa suspeita foi ficando cada vez mais confirmada à medida que eu lia o material do Lau. Ao ler *Sal da terra em terra dos brasis*,⁶ fiquei fascinado em ver como ele empregava a Bíblia para explicar as angústias da cultura brasileira, bem como utilizava os mais variados autores brasileiros, fossem escritores de ficção, poesia ou não ficção, para investigar a alma desse povo, sua beleza e suas idolatrias.

A minha paixão pela leitura foi se ampliando e solidificando a cada ano. Quando começou a ficar claro meu chamado pastoral, assegurei-me de sempre tentar alocar tempo para ler mais do que mero material teológico, mesmo nos tempos intensos de seminário.

O objetivo desse artigo é refletir acerca de como a leitura pode ajudar o pregador em sua arte e ofício. Em particular, a leitura de livros que não são primariamente voltados para serem lidos por pastores. Calma, explico. Com isso não estou de forma nenhuma minimizando a leitura da Bíblia. Afinal, ela é suficiente para todas as coisas ligadas à vida e à piedade, e o único livro inspirado pelo próprio Deus. Ao sugerir ler de maneira ampla, não estou buscando ferir a suficiência das Escrituras para a vida do povo de Deus. Ape-

Reynolds, *Ordained Servant*, Volume 16, 2007, p.6. O autor fala sobre como Kline teve maior amplitude imaginativa por causa de seus interesses artísticos, tornando-o um exegeta criativo e capaz de usar linguagem de modo a despertar seus alunos do torpor da familiaridade com o texto bíblico. Goste você das ideias de Kline ou não, é inegável que o homem era instigante.

6 Na última edição (3ª edição ampliada, Editora Monergismo, 2014), Wadislau interage com muitos autores, crentes e descrentes, desses que poucas vezes se veem sendo citados em obras teológicas conservadoras. Dentre eles: Monteiro Lobato, Vinicius de Moraes, Darcy Ribeiro, Jorge Amado, Manuel Bandeira, Roberto da Matta, Gilberto Gil, Olavo Bilac, Caetano Veloso, Lima Barreto, Ariano Suassuna e Gregório de Mattos; tudo isso antes da página 100 de um livro com mais de 500. No livro *Todo mundo pensa, você também: aprendendo a pensar biblicamente* (Editora Monergismo, 2013), Wadislau também se utiliza de tal recurso.

nas sugerindo que, conhecendo bem a Bíblia, o pregador pode se valer de diversas leituras que o ajudarão a melhor aplicar e explicar a Palavra de Deus.⁷

É claro, há muita coisa que um pastor deve ler.⁸ Além de assumir que o pregador deva ler primariamente a Bíblia, assumo ainda que ele tenha uma dieta constante e variada em diferentes áreas da Teologia. Que tente, ao longo de cada ano, ler algo de História da Igreja, ler um ou dois livros sobre áreas específicas de aconselhamento, ao menos um livro de Homilética, leituras em tópicos selecionados de Teologia Sistemática e Teologia Bíblica, livros que analisem as situações e problemas da igreja contemporânea; além, é claro, do material necessário para preparação de seus sermões, aulas, palestras etc.⁹ Artigos diversos podem ser um bom atalho para se familiarizar com temas teológicos. Biografias podem ainda ser particularmente úteis. Vale a pena pensar ainda em como a literatura pode ajudar o pregador tanto na exegese, ao considerar os diferentes gêneros literários contidos na Escritura, como na exposição.¹⁰

Muitos pregadores tendem a ler livros restritos a tópicos bem específicos do ministério. Murray Capill adverte:

7 Pregação pode ser definida como o *explicatio et applicatio verbum dei*; o explicar e aplicar da Palavra de Deus. Explicar o livro santo e aplicá-lo aos ouvintes, ensinando todas as coisas que devemos saber sobre Deus e as coisas que Deus espera de nós (*Breve catecismo de Westminster*, 3). Somos chamados a explicar o mundo por meio da Bíblia e aplicar a Bíblia em relação ao mundo em que vivemos. Gregory Reynolds argumenta que, embora obviamente apenas a Bíblia seja uma perfeita explicação da condição humana, “boa ficção nos ajuda a ver essa condição em suas particularidades em vários lugares e situações na história...”. Cf. Reynolds, “Preaching and Fiction: Developing the Oral Imagination”, *Ordained Servant*, Vol 16, 2007, p. 15.

8 Uma vez que estamos em uma de dezenas de notas de rodapé de um longo artigo de um gigantesco livro de cunho acadêmico, imagino que se você está lendo esta nota, eu não tenha qualquer necessidade de te convencer que é importante para o pastor ler, e ler muito.

9 Alguns bons artigos sobre como o pregador deve continuar estudando e se preparando: “The preacher and scholarship”, James Montgomery Boice, em *The Preacher and Preaching: Reviving the Art in the Twentieth Century* (Presbyterian and Reformed Publishing, 1986), ed. Samuel T. Logan; “Continue estudando”, Ligon Duncan, em *Amado Timóteo: uma coletânea de cartas ao pastor* (Editora Fiel, 2008), ed. Thomas Ascoll. E ainda o artigo de William D. Mounce, “O pastor e seu estudo”, em *John Piper: uma homenagem* (São Paulo: Hagnos, 2013), organizado por Sam Storms e Justin Taylor. O livro *O pastor como mestre e o mestre como pastor* (Editora Fiel), de John Piper e D. A. Carson, também tem ótimas considerações sobre o assunto.

10 Veja o excelente artigo de Leland Ryken, chamado “The Bible as Literature and Expository Preaching”, em *Preach the Word: Essays on Expository Preaching in Honor of R. Kent Hughes* (Crossway Books, 2007), ed. Leland Ryken e Todd Wilson.

A infinidade de livros sobre liderança da igreja, por exemplo, poderia facilmente absorver a totalidade do tempo de leitura de um pastor. Mas se isso acontecer, o desequilíbrio irá aparecer em seu ministério de pregação por causa de sua negligência da teologia, história da igreja, e talvez até mesmo da própria Bíblia. O tempo necessário para ler amplamente é considerável, e, a menos que ele esteja bloqueado no calendário de um pastor é improvável que isso aconteça. Logo, os pregadores devem alocar algum tempo fixo, quer se trate de uma manhã por semana, ou uma hora por dia, ou algum outro intervalo de tempo de várias horas, sabendo que tal tempo não é desperdiçado, mas é um investimento para o longo curso. Temos de ser “desocupados” o suficiente para fazê-lo.¹¹

Não é fácil, é claro, arrumar tempo para ler. Ainda mais quando se trata, conforme sugiro nesse ensaio, de leitura que não é óbvia e imediatamente frutífera para o ministério. Mas espero convencê-lo a tentar incluir alguma variedade em sua dieta.

Neste ensaio, consideraremos algumas razões pelas quais o pregador deve incluir ficção em suas leituras. Vou tratar prioritariamente de ficção, mas também de algumas boas seleções de não ficção. Consideraremos apenas alguns dos inúmeros benefícios. Em primeiro lugar, a importância de conhecer o pensamento caído e nisso sentir real empatia pelo mundo quebrado em sua tristeza e rebeldia, apontando mais sabiamente para Cristo. Depois consideraremos como o ler ficção ajudará o pastor na sua técnica homilética, na sua entrega do sermão.¹² Antes disso, entretanto, consideremos como o pregador age criativamente, uma vez que o sermão é uma peça retórica na qual o pregador subcria um discurso em que busca expor o texto sagrado. Como qualquer criador, nossos produtos serão influenciados por quem somos e por aquilo que lemos.

11 *The Heart is the Target: Preaching Practical Application from Every Text* (P&R Publishing, 2014), p. 92.

12 É claro que poderíamos organizar o assunto de formas diversas. Kevin Vanhoozer, por exemplo, em um pequeno artigo indica 4 razões para ler ficção: 1) Tornar-se letrado sobre a humanidade; 2) Experimentar vida fora de si mesmo; 3) Entender seu próprio chamado; e 4) Crescer em competência missionária. Vanhoozer, *4 Reasons Pastor-Theologians Should Read Fiction*. Disponível em <https://goo.gl/UJ2Cnr>.

1. O PREGADOR COMO SUBCRIADOR

Antes de entrarmos nas razões para a leitura, vale a pena compreender algo sobre o que está envolvido na composição de um sermão. Todo pregador necessariamente irá utilizar formas escolhidas por ele a fim de moldar a mensagem que extraiu do texto bíblico. Ele não vai meramente recitar o texto; ele vai, homileticamente, organizar o material que entende estar na perícopes, a fim de organizá-lo de forma a explicar, ilustrar e aplicar o texto bíblico. O pregador é subcriador ao construir um sermão.¹³

Vale a pena discutir, ainda que brevemente, a ideia de subcriação. Deus é o único criador completamente original. Ele fez o cosmos *ex nihilo*, desde o nada. Ele não foi constrangido por nada; criou livre e completamente da forma que desejou.¹⁴ O ser humano, imagem e semelhança de Deus, foi feito receptivamente criativo.¹⁵ Isso implica que somos criadores, construindo

13 Há mais similaridade entre a forma criativa de um sermão, de uma obra de arte e do desempenho atlético do que imagina nossa vã filosofia. Todas são maneiras em que a criatividade humana (unida a outras características) se esmera em produzir algo digno de nota e que busque atingir resultados específicos. Certa vez compartilhei com a Dra. Melissa Hause um dos melhores ensaios de jornalismo esportivo já escritos: “Federer como experiência religiosa”, de David Foster Wallace. Ela é professora de teoria estética e arte no Belhaven College em Jackson, Mississippi. Ao descrever a virtuosidade performática e criativa de um tenista profissional, Wallace trabalha muito com ideias de como o treinamento e aperfeiçoamento acabam libertando o atleta para crescente criatividade. A Dra. Hause, exímia violinista, ficou surpresa ao ver com a descrição do que é o treinamento repetitivo, maçante e constante de um tenista se assemelha ao que ela mesma passara para se tornar violinista. Similarmente, o sermão é a arte do pregador, ele se esmera em crescer e por meio de treinar a aprender formas rígidas começa a ser capaz de fazer micro ajustes que o levam a crescente liberdade e criatividade dentro das formas, podendo até mesmo quebrá-las de maneira criativa e justificada. O artigo em questão está disponível na coletânea *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo* (Editora Cia das Letras, 2012). Em inglês ele pode ser achado com facilidade gratuitamente na *Internet*.

14 Mesmo a estrutura física em que o universo funciona não tinha de obrigatoriamente ser como é. Deus não tinha que criar um universo em que $E=mc^2$. Ele não tinha que fazer um universo com estrelas movidas a fusão nuclear, com gravidade, com seres humanos revestidos de pele. Mas como poderia ser diferente? Sei lá! Ele sabe. Sequer conseguimos imaginar propriamente um universo que funcione de maneira diferente. Mas Deus não estava compungido a seguir um plano pré-existente que determinaria como universos podem ou não existir. Ele soberanamente criou as regras do mundo físico.

15 Aprendi com nosso homenageado as expressões “receptivamente criativo” e “ativamente redentivo”. Obrigado, querido Lau. Os conceitos permeiam toda sua extensa obra. Ele diz, por exemplo: “Somos seres responsivamente criativos e ativamente redentivos, o que quer dizer que fomos criados para as boas obras, com senso de fina-

sobre a criação de Deus. Nós criamos de maneira derivada.¹⁶ Como imagem de Deus, explica Wadislau, “as pessoas estão sempre reinventando coisas e tentando consertar coisas quebradas. Significa que o homem foi criado para receber em graça a luz da glória que ilumina tudo o que existe — a fim de conhecer a Deus, a criatura e a criação — respondendo em fé a seu chamado, em todos os segmentos da vida”.¹⁷ O homem cria novas realidades (ainda que apenas na imaginação), assim como elabora criativamente sobre o que Deus já criou; fazendo lápis e relógios-cuco a partir de madeira, filmes e fotos a partir de luz sobre um mídia fotossensível,¹⁸ carros de Fórmula 1, a partir de compostos de carbono e assim por diante.¹⁹

lidade. Noutras palavras, somos moralmente criados para manifestar a verdade, eticamente criados para viver em amor e teleologicamente criados para construir sobre essas bases”. Cf. Wadislau Gomes, *Coração e sexualidade* (Editora Refúgio), p. 32. E ainda: “Como pode a existência temporal do homem ser teoricamente desmontada em seus diferentes aspectos e estruturas individuais, e ainda ser apreendida em sua unidade fundamental? A única resposta é: O homem é um ser religioso: criativamente receptivo e ativamente redentivo”. Cf. Wadislau Gomes, *Aconselhamento redentivo* (Editora Cultura Cristã), p. 45.

- 16 “Podemos dizer que somos chamados a continuar a obra criativa de Deus. Claro, não criamos *ex nihilo*, do nada, como Deus fez; nossa tarefa é desenvolver os poderes e potenciais que Deus inseriu originalmente na criação — usando madeira para fazer casas, algodão para fazer roupas, ou silício para fazer chips de computador.” Cf. Nancy Pearcey, *Total Truth: Liberating Christianity from its Cultural Captivity* (Crossway Books, 2004), p. 47. Ted Turnau por sua vez diz: “Quando produzimos cultura, nós refletimos a Deus ao mimetizar sua gigantesca criatividade em uma escala miniatura. Nós temos a habilidade inata de criar como Deus, mas como criaturas, de modo derivado”. Cf. Turnau, *Poplogics: Popular Culture in Christian Perspective* (Presbyterian and Reformed Publishing, 2012), p. 57. Abraham Kuyper, ainda, mostra como o artista constrói sobre a glória já existente: “Nenhum artista humano pode criar substância e esplendor na realidade; só Deus pode fazer isto. Ainda que a arte seja uma expressão de vida que mostre que pessoas criadas à imagem de Deus podem criar como Deus, de qualquer forma segue sendo um criar à maneira de criaturas, criando desde a imaginação, criando para a aparência do olho, criando a representação da coisa ao invés da coisa em si... Deus cria a história, enquanto as pessoas criam um épico ou um drama, a partir ou da história de Deus ou da irrealidade ou de pura ficção”. Cf. Kuyper, *Wisdom and Wonder: Common Grace in Science & Art* (Christian’s Library Press, 2011), p. 151.
- 17 Wadislau Gomes, *Prática de aconselhamento redentivo* (Editora Monergismo, 2014), p. 52.
- 18 Sim, eu soube que hoje em dia há fotografia digital.
- 19 Veja que lindo o que Abraham Kuyper diz: “Na arte encontramos uma imitação da habilidade criativa de Deus. Seu universo é replicado em nossos palácios e catedrais; sua criação orgânica é replicada em nossas esculturas, suas paisagens de vida na natureza e nas pessoas são exibidas em nossas pinturas artísticas em telas; o que Deus criou e sustém dentro do coração humano ressoa em nossa música; e o que Deus criou por sua palavra encontra expressão em nossa poesia”. Cf. *Wisdom and Wonder*, p. 151.

Por sermos criadores derivados, o escritor J. R. R. Tolkien usava o termo *subcriação* para se referir a mundos fantásticos ou mitológicos.²⁰ Nós criamos dentro dos limites do que existe ou do que poderia existir dentro dos limites criacionais, construindo, reimaginando e desenvolvendo. Criaturas operam com recursos limitados (embora muito vastos) e capacidade mental limitada dentro da estrutura do mundo criado em sua existência atual ou potencial. Ninguém pode pensar numa cor que Deus não fez possível ou criar uma história fantástica que o surpreenda.²¹ Toda peça musical existe dentro de parâmetros que Deus fez possíveis ao homem.²²

20 Vale notar a existência da crítica de Yannick Imbert a Tolkien, onde ele questiona o quanto do Tomismo de Tolkien se insere em sua obra e sua teoria sobre contos de fada. Veja Yannick F. Imbert, “Covenant Faerie: A Reformed Evaluation of Tolkien’s theory of fantasy”, *Westminster Theological Journal* 76 (2014): 119-141. Imbert é um pesquisador astuto e, por certo, seu desejo de buscar uma teoria de fantasia mais firmemente embasada na teologia reformada é algo a acompanhar. Para outro artigo, focando especificamente no tema de subcriação, será necessário lidar com ele. Mas rapidamente levanto alguns pontos de interesse: na página 122 ele lida com a questão da soberania de Deus sobre mundos reais ou potenciais. Na página 123 há uma boa discussão sobre como na visão de Tolkien, os contos de fada não são prioritariamente sobre fadas, mas sobre a terra fantástica, que ele chamaria de Faërie. Algo de fato curioso, uma vez que biblicamente vivemos num mundo, mas com anseio por outro. Na p. 130 lida com o fato de que numa visão aliancista, Faërie tem de ser entendida com uma resposta ética à história real. Imbert afirma: “Contos de fada estão dentro do homem, na faculdade imaginativa que é em si mesma parte da imagem de Deus. Assim, todos os contos de fada irão refletir ou o amor por Deus ou a rebelião contra ele. Contos de fada ou proclamam que o Deus trino é Senhor de homens — e elfos — ou proclamam a suposta autonomia do homem. Uma perspectiva reformada sobre a imaginação Faërie, aplicada através de apologética vantiliana, pode prover uma resposta duradoura e gloriosa à pergunta de Samwise: ‘Quem afinal criou as estórias?’. O Deus que é, a Trindade ontológica, é a base epistemológica e metafísica para Faërie e escrita de fantasia. Para nós, Faërie se torna uma resposta ética artística para a glória do Deus criativo” (p. 141).

21 Sobre cores e suas gloriosas qualidades, vale ler o artigo de Kimberly Garza “RGB, CMYK and Joy” em *It Was Good: Making Art to the Glory of God* (Square Halo Books, 2006). Aliás, leia o livro todo.

22 “Nossas criações são mais um rearranjar dos materiais brutos que Deus fez. O pintor usa as cores de Deus. O dançarino usa o corpo que Deus projetou. O músico toma emprestadas as ondas sonoras de Deus. Somente Deus criou desde o nada. Considerar seriamente o que isso significa é mais uma razão para ficar assombrados diante dele.” Cf. Steve DeWitt, *Eyes Wide Open* (Credo House Publishers, 2003), p. 134. Hans Rookmaaker, por sua vez, explica: “linguagem e expressão, pensar, administrar justiça, adquirir conhecimento, fazer ou reconhecer algo belo — tudo isto só é possível dentro de leis estruturais. Não podemos viver ou trabalhar fora delas.” Rookmaaker, *The Creative Gift: Essays on Art and the Christian Life* (Westchester, IL: Cornerstone Books, 1981), p. 58.

Nós produzimos arte a respeito do que Deus já fez e elaboramos criativamente sobre a realidade.²³ Assim, todo ser humano, ao criar, está seguindo um impulso dado por Deus. E ao criarmos, somos inevitavelmente influenciados por nossa própria história, cosmovisão e experiência. Todos temos um conhecimento básico acerca do Deus verdadeiro; o que muda é o filtro interpretativo que depende principalmente da posição básica do coração (regenerado ou não) e secundariamente é refratado pela individualidade da pessoa, sua cosmovisão, sua história etc. Nosso conhecimento sobre Deus e o mundo afeta necessariamente tudo o que criamos. Descrentes também são receptores da revelação e criadores sobre ela. Os homens são todos teorreferentes: “Todos os atos humanos giram em torno de um eixo ético/relacional cujo ponto de referência é Deus. Isso significa que todo conhecimento refere-se a Deus e tem um ou mais indivíduos entrelaçados num relacionamento ético”.²⁴ Nosso entendimento a respeito do que o mundo é e do que poderia ser é afetado por nossa situação actual: ainda quebradores do pacto em Adão ou cumpridores do pacto em Cristo.

Voltando ao pregador e à elaboração de seu sermão: o pregador age como um subcriador. O sermão não é descoberto no texto; a exegese sim. O sermão é moldado por suas escolhas conscientes e inconscientes. Cada pregador é único. Deus chamou indivíduos com suas cargas de conhecimento específicas, experiências e ideias próprias para proclamar sua mensagem. O pregador é arauto, mas não é um mero gravador. Ele recebeu uma mensagem da parte de Deus a qual ele precisa transmitir de maneira criativa e não adulterada, para um povo específico no tempo e no espaço. Para isso, ele cria um sermão. Ao criar o sermão, ele se assemelha a Deus. Ao pregar, o arauto

23 “Se Deus fez as flores, então vale a pena pintá-las e escrever a respeito delas. Se Deus fez os pássaros, então vale pintá-los... se Deus fez o oceano, de fato é válido escrever poesia sobre ele. Vale a pena para o homem criar obras sobre a base da grande obra que Deus já fez.” Cf. Leland Ryken, *The Christian Imagination* (Grand Rapids: Baker, 1981), p. 45. Isso se mostra não somente nas artes! Mas também na ciência, na diversão e em qualquer área em que a imaginação criativa humana entre em ação. Teorias científicas, por exemplo, são grandemente afetadas pela imaginação e afetos do cientista. O cientista não chega ao seu objeto de estudo com hipóteses brutas e neutralidade; ele com seus pressupostos e imaginação cria teorias e modelos os quais busca comprovar. Para mais sobre o assunto veja o amplo material de Michael Polanyi, Davi Charles Gomes, Esther Meek, Thomas Kuhn e David Bohm. Nosso homenageado em diversos de seus livros lida com questões relacionadas, como, por exemplo, em *Todo mundo pensa, você também*.

24 Wadislau Gomes, *Aconselhamento redentivo*, p. 108.

de Deus está declarando, de maneira filtrada, a vontade de Deus que foi registrada de forma inspirada pelos autores bíblicos.²⁵ A pregação é a verdade que foi escavada sendo refratada pela personalidade, experiência, estudo e cosmovisão do pregador. Por isso, o homem de Deus deve encharcar a mente com o santo livro, bem como com material sólido que será absorvido por meio de leitura sintópica.²⁶ Ele precisa garantir um real arcabouço, a fim de fazer correta exegese do livro de Deus e da cultura ao seu redor.

É claro, há ainda as escolhas intencionais que o pregador faz. Ao tomar as diversas decisões homiléticas envolvidas em montar um sermão, ele necessariamente estará estabelecendo ordem sobre o caos de material que garimpou por meio de exegese cuidadosa, leitura de comentários, ideias surgidas enquanto no chuveiro, dicas de amigos, dúvidas de ovelhas etc. Ele irá montar um sermão que tente explicar o material de maneira que julgue ser compreensível ao seu público.²⁷ O pregador imita o criador. Ele escolhe a ordem em que transmitirá as informações, seleciona as ilustrações, cria aplicações, usa sua personalidade na entrega e no planejamento. Ele não apenas transmite a mensagem palavra por palavra como se fosse um profeta inspirado. Ele transmite verdade por meio de personalidade;²⁸ o ouvinte recebe o deleite de uma peça bem construída. Pregamos em nossa cultura, somos parte dela e, ao mesmo tempo, devemos variar nossa voz (não nossa mensagem) de acordo com o público.²⁹ Por tudo isso, incidentalmente, é terrível to-

25 O livro de Deuteronômio é um ótimo estudo de caso, pois vemos Moisés fazendo discursos onde ele se baseia na lei dada décadas antes, explica e aplica ao povo. Para um livro lidando com esse exemplo veja Christopher Ash, *The Priority of Preaching* (Christian Focus, 2009).

26 Veja Mortimer Adler e Charles Van Doren, *Como ler livros: o guia clássico para a leitura inteligente* (É Realizações, 2010). Adler trata a leitura sintópica como o mais avançado nível de leitura, onde o leitor criticamente lida com o texto diante de si dialogando com seu próprio histórico de leitura. Este livro é um deleite. Era leitura obrigatória no seminário onde estudei, a ser lido antes do início das aulas. De fato, foi valiosíssimo. Por favor, leia. Aliás, foi recomendação do Lau para que eu lesse quando estava entrando na faculdade.

27 Embora muitos pregadores sejam confusos e obtusos, imagino que eles não estejam buscando ser intencionalmente assim.

28 Definição clássica de Philip Brooks: “pregação é verdade através de personalidade”.

29 Tim Keller exemplifica isso ao refletir sobre como Jonathan Edwards intencionalmente variou seu estilo de pregação quando falava aos indígenas. Seus sermões eram mais breves e simples, sem serem simplistas. “Ele era intencional e habilidoso na contextualização — não é apenas que ele o fazia, pois contextualização é inevitável. No momento em que você abre a boca, muitas coisas — sua cadência, sotaque, vocabulário, ilustrações e for-

lice um pregador plagiar sermões. Além de ser, é claro, pecado. Cada sermão é produzido a partir do DNA vivencial de seu pregador. Cada arauto de Deus passou por uma confluência ímpar de vida, gostos, interesses e conhecimento, projetados pelo próprio Deus, a fim de criar a individualidade do arauto. Isso se manifesta no sermão!

Note que, ao construir um sermão em que ele transmite verdade bíblica por meio de um discurso, o pregador necessariamente filtra a verdade por meio de sua individualidade, e intencionalmente molda a mensagem de modo a que a comunicação com o ouvinte seja proveitosa. Temo, entretanto, que, em grande parte, pregadores reformados não estejam atentos a todas as formas em que um sermão atinge as pessoas. Mas isso é assunto para outro artigo.³⁰

E a leitura com isso? Há diversos fatores que influenciam a capacidade do pregador de montar um sermão; uma delas é a boa leitura. O pregador, ao ler boa ficção e uma boa seleção de não ficção, consegue se preparar melhor a fim de criar de modo a atingir especificamente seu público no tempo e no espaço. Exegese bíblica é central e vital. Mas é extremamente útil ao pregador ser capaz de fazer exegese de sua cultura. Como ele irá encharcar sua mente para entender a cultura ao seu redor? Entender o coração humano e sua unidade e diversidade? É claro que a Bíblia fala sobre tais coisas, e o faz de maneira inerrante. Mas uma maneira complementar é por meio da leitura de material bem selecionado para esse fim. E o benefício não será apenas o de melhor compreender o coração humano de seu tempo em suas idolatrias e anseios, mas também por comunicar melhor a tais corações por meio de um belo replicar de formas comunicativas feitas com esmero e beleza.

mas de raciocinar, e como você expressa suas emoções — fazem você culturalmente mais acessível a algumas pessoas e força outros a se esticarem e trabalharem mais duro para te entender ou mesmo prestar atenção. Ninguém pode apresentar formulações de verdade bíblica livres de cultura.” Keller, *Preaching: Communicating Faith in an Age of Skepticism* (Viking, 2015), p. 76.

30 Tim Keller concorda comigo, ou talvez eu é quem concorde com ele. Nas suas palestras sobre homilética em 2014 no Reformed Theological Seminary ele explicou que os seminários estão fazendo em geral um bom trabalho em preparar os alunos no que diz respeito à exegese e explicação do texto (*logos*), mas um mal trabalho em termos de comunicar e compreender o *pathos* do texto e da cultura vigente e comunicá-lo de forma a lidar com mais do que meramente a razão do ouvinte. O sermão não é apenas comunicação de verdades proposicionais, embora não seja menos que isso. Ele envolve lidar com emoções, com a vontade e a imaginação. No livro *Preaching: Communicating Faith in an Age of Skepticism*, Keller lida satisfatoriamente com essas ideias. Recomendadíssimo.

2. CONHECENDO O MUNDO CAÍDO: EMPATIA, CONTEXTUALIZAÇÃO E COMUNICAÇÃO

O que um grande livro faz é “apenas” retratar a realidade, ordenar e impulsionar a vida em imagens, emoções e personagens que nos civilizam, apontam caminhos... As obras de arte expandem a nossa existência, e deveríamos ler justamente para amplificar as possibilidades do mundo real... E, depois de tudo, incorporar à própria vida as visões do que é bonito, do que é bom.

— Rodrigo Duarte Garcia³¹

Eu fico muito irritada com pessoas que sugerem que escrever ficção é escapar da realidade. É um mergulho na realidade.

— Flannery O’Connor³²

Nesta seção investigaremos como o pregador pode vir a conhecer mais amplamente o mundo caído por meio da leitura de obras fictícias diversas. É claro, sem o entendimento bíblico do que é esse mundo caído, de como o pecado se mostra, de como tentação aparece, será perigoso e talvez até inútil se embrenhar por certas leituras. Mas firmados na âncora revelacional podemos explorar a produção literária deste mundo para grande proveito. Ler ficção traz enorme proveito. Inclusive ficção escrita por descrentes. Aliás, vale a pena tratarmos brevemente de duas objeções comuns feitas por cristãos. Deve um cristão gastar tempo com ficção? Isso não é viver no mundo da Lua? E se o mundo da Lua tiver sido imaginado por um descrente não fica pior ainda?

2.1. Vale a pena gastar tempo no mundo irreal?

Seria correto um pregador, alguém que se ocupa de trazer a verdade bíblica para o mundo real, passar muito tempo em mundos irreais? Recentemente, esperando minha filha na saída da escola, como preparativo para escrever este artigo eu estava devorando *Como funciona a ficção*, de James Wood.³³ Um pastor recém-ordenado se aproximou com curiosidade para ver

31 *Os invernos da ilha* (Record, 2016).

32 *Mystery and Manners: Occasional Prose* (New York: Farrar, Strauss, & Giroux, 1970), p. 77-78.

33 Cosac Naify, 2012.

o que eu lia, e ficou um tanto decepcionado em ver que não era um livro de Teologia. Explicou que, sendo um pastor novo, não tinha tempo para ficção, apenas para ler muita teologia que ficou para trás. De fato, no seminário dificilmente consegue-se tempo para ler além das leituras obrigatórias, e muito material de interesse é acumulado para ser desfrutado ao longo dos anos seguintes. Mas será que ficção é um luxo ao qual apenas o pastor veterano, que esgotou as leituras teológicas, pode se dar?³⁴ Quando chega o ponto em que o ministro terá atingido nível de proficiência teológica tal que o permita se aventurar no mundo fictício?

Alguns poderiam objetar a ler ficção. Seja por uma questão de alocação de tempo, seja por uma estranha ideia de que não devemos gastar nosso tempo com o que não é real. Para começar, o pastor Gregory Reynolds nos

34 Como diz Tony Reike em seu excelente livro *Lit!: A Christian Guide to Reading Books* (Crossway, 2011): “Literatura de ficção pode nos ajudar a explorar as experiências humanas abstratas... cada um de nós participa da fraternidade humana. E porque nós partilhemos experiências semelhantes, os escritores de diferentes épocas, culturas e até mesmo cosmovisões podem se conectar conosco em um nível profundo. Os melhores autores de ficção soletram nossa experiência humana comum de formas que são elusivas a outros tipos de escrita. O que quer dizer que literatura ficcional pode ser mais verdadeira que não ficção. Romances são livres para se mover além dos particulares da história para os universais da experiência humana, para conceitos abstratos e filosóficos como amor, ódio, bondade e o mal. Com tal liberdade, o autor pode investigar a condição humana mais profundamente. Em contato com a alma da experiência humana, o autor tece uma teia de credibilidade que é potencialmente mais convincente que o relato histórico. À medida que a história avança, o leitor se identifica com a provável experiência dos personagens fictícios... ficção pode aprofundar nossa apreciação pela experiência humana concreta. Ao recontar a vida com palavras, novelistas aumentam nossa sensibilidade para com experiências humanas comuns. A literatura nos dá maior profundidade para experiência humana e beleza natural. Deus dotou autores com capacidade de focar nossa atenção em coisas que tomamos por certas — como gotículas de água reluzindo o Sol em uma folha após uma chuva forte de primavera — e essas imagens intensificam nossa experiência do mundo que vemos a nosso redor. Literatura ficcional expande a amplitude de nossas experiências e nos faz crescer em simpatia para com os outros. Através da literatura podemos saborear as experiências de vida daqueles que vivem em terras distantes, culturas distintas, e em gerações agora extintas... Descobrimos bela literatura pois nosso criador dotou este mundo com artistas que refletem a beleza que se origina nele. Esta bela literatura pode ser aproveitada para a glória de Deus mesmo que venha dos dedos de não cristãos... cristãos podem e devem ler literatura simplesmente pelo prazer de fazê-lo” (p. 120-122). Acredite, estou seriamente lutando contra o desejo de meramente citar o livro inteiro. O livro é um deleite e ótimo guia para iniciar-se no caminho de ler de maneira mais ampla, sábia e valiosa. Ele lida com mais do que este artigo, se enveredando inclusive pelos benefícios da não-ficção, além de dar vários conselhos práticos sobre como fomentar a leitura.

explica a tolice de pensar que ficção não é útil por não lidar com o que é real: “A noção de que ficção é irreal é em si mesma uma ficção, no sentido pejorativo. O melhor tipo de ficção investiga a realidade — especialmente a realidade humana — de uma forma que nenhuma outra mídia faz. Suas considerações sobre o significado do humano são incomparáveis. Nossa doutrina reformada da graça comum produz razão teológica para apreciar boa ficção”.³⁵ Ler ficção é das melhores formas de entender o mundo caído. Tão útil quanto ler jornal.

Ora, vale notar que todo pregador fiel lê ficção. Ele lê, reflete e ainda ensina a respeito, por exemplo, da história fictícia do filho pródigo, sobre o semeador que saiu para semear, sobre o bom samaritano e a respeito de tantas outras histórias de ficção que o Senhor Jesus Cristo nos deixou, a fim de nos ensinar por meio delas.³⁶ Infelizmente, muitos pregadores (bem como suas igrejas) acham que ler ficção é impiedoso ou, na melhor das hipóteses, perda de tempo para o pregador. Mas histórias fictícias são capazes de prover algo especial para o leitor.

Uma história fictícia transporta o ouvinte a uma realidade diferente. Estas subcriações nos transportam temporariamente a outro mundo, e isto pode ser deleitoso, como explica Tolkien:

É claro que as crianças são capazes de ter crença literária quando a arte do criador de histórias é boa a ponto de produzi-la. Esse estado mental tem sido chamado de “suspensão voluntária da incredulidade”. Mas isso não me parece ser uma boa descrição do que acontece. O que acontece de fato é que o criador da narrativa demonstra ser um “subcriador” bem-sucedido. Ele concebe um Mundo Secundário no qual nossa mente pode entrar. Dentro dele, o que ele relata é “verdade”: está de acordo com as leis daquele mundo. Portanto, acreditamos enquanto estamos, por assim dizer, do lado de dentro.³⁷

35 “Preaching and Fiction”, p. 15.

36 Sim, estou ciente que as parábolas tinham a intenção de esconder as verdades do evangelho daqueles a quem ele não queria que essas fossem reveladas. O ponto aqui é meramente que Jesus não via problema em valer-se de histórias fictícias nas suas exposições. Para bons livros sobre as parábolas, procurar, entre vários outros, *The Parables of Jesus* de Terry Johnson; *The Parables* de Simon Kistemaker e *Interpreting the Parables* de Craig Bloomberg.

37 J. R. R. Tolkien, *Sobre histórias de fadas* (São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010), p. 43.

Tolkien está explicando que a subcriação pode ser tão bem construída a fim de nos transportar para outra realidade temporariamente, nos entregando alegremente como partícipes da história.³⁸

Mas não seria escapismo ler ficção? Joe Rigney, seguindo C. S. Lewis, sugere que ficção não é escapista no sentido ruim de desconectar o leitor da realidade. Mas de fazer o leitor perceber-se como parte da realidade de uma maneira mais profunda. “Ele não passa a desprezar florestas reais, pois leu acerca de florestas encantadas; a leitura faz com que todas as florestas pareçam um pouco mais encantadas.”³⁹ E vai além disso. Douglas Wilson, no excelente livro *Futuros homens*, defende a importância da leitura de ficção para a formação da mente. Wilson ensina:

A Bíblia exige que sejamos verdadeiros a respeito de todas as coisas, dizem os críticos, e por isso não devemos contar a nossos filhos sobre batalhas com dragões. Nossos filhos precisam ser fortes sobre sistemas de escoamento e fracos sobre dragões. A ironia aqui é que a Bíblia, a fonte de toda verdade, tem muito a dizer sobre dragões e gigantes e pouco sobre escoamento e exportações... quando chega a hora de educarmos nossos filhos, enchemos a cabeça deles com uma porção de fatos que sufocam a alma e matam a imaginação. Mas se os nossos filhos devem preparar-se para o mundo feito por Deus, então a imaginação deles deve ser alimentada e nutrida com histórias sobre o Cavaleiro da Cruz Vermelha, Jim no barril de maçãs, Sam Gamgee carregando Frodo montanha acima, Beowulf arrancando o braço de Grendel, e Trumppkin lutando por Aslan embora ainda não cresse nele... Histórias desse

38 Penso que esse princípio pode ser estendido além da leitura de ficção, mas também a ver filmes, jogar videogames, assistir esportes e mesmo, porque não, ouvir um bom pregador. O tempo parece ficar suspenso. Uma peça retórica pode ter poder similar ao da ficção em prender a atenção do ouvinte, transportando-o para um tempo que funciona como parênteses para a via, tempo em que ele recebe a comunicação homilética de maneira arrebatadora e convincente. “Há uma alegria peculiar em adentrar o mundo de um autor, habitá-lo por um tempo, e vir a amá-lo tanto que há tristeza quando é hora de partir.” Cf. Cornelius Plantinga Jr., *Cornelius Reading for Preaching: The Preacher in Conversation with Storytellers, Biographers, Poets, and Journalists* (Wm. B. Eerdmans Publishing, 2013). Loc 81, Kindle edition. O pregador ao envolver o ouvinte em seu sermão também leva o ouvinte a considerar o mundo pela ótica do que está sendo apresentado; ainda que o ouvinte discorde, ele precisa lidar com o que está sendo dito.

39 Joe Rigney, *Live like a Narnian: Christian Discipleship in Lewis's Chronicles* (Eye & Pen Press), p. 22-23.

tipo não são permitidas pela Escritura, são exigidas. A Bíblia não pode ser lida corretamente sem criar um profundo impulso por contar histórias que carreguem a verdade bíblica sobre o tipo de guerra que se estende através das eras. Nossa raça caiu em pecado porque fomos enganados por um dragão. Deus prometeu enviar um guerreiro que esmagaria a cabeça daquela serpente, e ele fez isso em Cristo. Em suma, o evangelho é a história de uma batalha contra dragões... Temos reduzido o evangelho a quatro passos básicos em direção à felicidade pessoal, e estamos por isso muito mais longe da verdade do que nossos pais quando contaram aquelas gloriosas histórias. Esse é outro modo de dizer que o conhecimento sobre dragões é mais verdadeiro do que o discurso terapêutico... os cristãos são uma raça que luta contra dragões. Nossos garotos nasceram para isso. Alguém precisa contar isso para eles.⁴⁰

O que Wilson está nos ensinando é que, por meio de histórias fictícias, somos transportados das meras realidades ordinárias do cotidiano e passamos a aprender acerca dos verdadeiros grandes conflitos que se travam no cosmos e no coração humano. Aprender a amar as virtudes por meio das histórias fará com que elas sejam amáveis e desejáveis no mundo real, mesmo quando isso for difícil e contracultural.

Não deixe de notar que, como produto da imaginação caída, as histórias fictícias sempre serão uma mistura de erro e acerto, verdade divina sendo cultivada e guardada em desenvolvimento criativo, ou devastada e deturpada em rebeldia. Mas mesmo a rebeldia é incapaz de escapar dos pa-

40 Douglas Wilson, *Futuros homens*, p. 107-108, 113. Vale a pena ler todo o capítulo 12, “Gigantes, Dragões e livros”. Além disso, ficção válida não é apenas aquela que se passa no “mundo real”. Mas ficção científica e fantasia têm enorme valor imaginativo e formativo para o leitor também. Novamente Douglas Wilson discorre sobre o valor de histórias fantásticas: “Mas, é claro, para que homens sejam corajosos, meninos tem de aprender a ser corajosos. Se mulheres devem ser mulheres de coragem, isso é algo que precisam aprender em algum momento. O que somos quando crescidos é o que aprendemos a ser enquanto estávamos crescendo. Mas enquanto estamos aprendendo, estamos tentando lidar com o que não é familiar. Por isso é que histórias como essas, cheias de grandes males, são necessárias para crianças lerem. As crianças acabaram de chegar por aqui — ainda estão entendendo as coisas, e estórias são das realidades centrais que podem ajudá-los. Chesterton disse em algum lugar que estórias sobre dragões e cavaleiros não ensinam as crianças a temerem dragões. Elas já tinham dragões debaixo da cama. Elas já tinham o medo. O que as estórias na verdade ensinam às crianças é que dragões podem ser mortos”. Douglas Wilson, *Writers to Read: Nine Names that Belong on Your Bookshelf* (Crossway, 2015), Kindle Locations 2208-2213.

drões criacionais divinos. Aliás, como diversos autores já notaram, a história de fantasia arquetípica de “matar o dragão e salvar a moça” não difere muito de uma maneira de descrever a real meta-história deste universo. Afinal, não é precisamente isso que Cristo faz ao derrotar a velha serpente e resgatar a sua noiva?

Wadislau Gomes nos apresenta algo muito interessante em seu entendimento do que é imaginação em sua relação com fé e o mundo diante de Deus. Veja como ela opera:

A imaginação acomoda as experiências da vida ao paradigma de habitação de modo a proteger a fé e corroborar a esperança. É claro que, se a fé habita na graça revelada de Deus, a esperança estará garantida por uma imaginação receptivamente criativa *coram Deo*. Se, contudo, a fé habita só na vastidão da presente realidade, então a esperança será frustrada, cedo ou tarde, por uma imaginação receptivamente criativa *coram omnibus*.⁴¹

Veja com isso do que necessariamente precisamos para o correto funcionamento nesse mundo: ter acesso a informações sobre uma realidade diferente da que habitamos. É claro, estamos falando primariamente da cidade que pela fé ansiamos, como Abraão, a exposição a realidades alternativas ativas no cristão, a lembrança de que este mundo não é o que sempre foi, e que pode ser vastamente diferente, dando-lhe ímpeto e coragem para agir. Veja como James K. A. Smith fala sobre imaginação: “Formação cristã é conversão da imaginação efetuada pelo Espírito, que recruta nossos desejos mais fundamentais por meio de um encantamento narrativo — por meio de convidar a nós, animais narrativos para dentro de uma estória que escorre para dentro de nossos ossos e se torna o pano de fundo orientador para nosso ser-no-mundo”.⁴²

Rigney explica algo importante: as histórias de ficção servem como ambiente de treinamento do coração para encarar as realidades da vida. Falando sobre sua própria experiência no mundo fictício de Nárnia, terra onde se passam as histórias fictícias da principal obra de C. S. Lewis, ele explica:

41 *Aconselhamento redentivo*, p. 121.

42 *Imagining the Kingdom: How Worship Works* (Baker Publishing Group, 2013). Kindle Locations 560-562.

As histórias narnianas demonstram através da imaginação fictícia e do conto de fadas a forma que o mundo realmente é. Eis aqui coragem e bravura em sua refulgente glória. Eis aqui honestidade e o falar a verdade em sua simplicidade e profundidade. Eis aqui deslealdade em toda a sua feiúra. Eis a face do mal. Eis também a face de Deus. Uma criança (ou adulto) que habita nessas histórias irá desenvolver os padrões de pensamento e afeições que o deixarão bem preparado para abraçar a Verdade, o Bom e o Belo (isto é, abraçar a Jesus Cristo) quando finalmente o encontrarem.⁴³

A literatura fantástica acaba se tornando um ambiente seguro no qual o cristão pode experimentar as virtudes e observar a malignidade do mal, de modo que, ao chegar a hora de encontrá-los no mundo real, ele já tenha desenvolvido seu afeto de maneira bíblicamente apropriada e imaginativamente já tenha projetado os resultados de um ou outro caminho.

Poucos pregadores discordariam de que vale a pena se embrenhar por Nárnia, Olam⁴⁴ ou mesmo pela Terra-Média, mas e nos reinos fictícios mais perigosos criados por descrentes? Seriam Westeros⁴⁵ ou a Inglaterra de Harry Potter locais indicados para crentes passearem? Deveria o pregador gastar tempo lendo material produzido por descrentes? Lidemos rapidamente com essa objeção comum. Tony Reinke aponta diversas razões para o consumo de ficção produzida por descrentes:⁴⁶

- 1) Os livros podem nos ajudar a entender o funcionamento do mundo físico: “Cristãos podem tirar benefício da pesquisa feita por não cristãos em áreas físicas da criação como ciência, medicina, química e matemática. A habilidade de observar e subjugar a Terra é um dom do criador para toda a humanidade (Gn 1.26-31)”.
- 2) Livros feitos por descrentes podem salientar as experiências comuns da humanidade.

43 *Live Like A Narnian*, p. 32-33.

44 Local onde se passam as aventuras da série *Olam: crônicas do mundo e do submundo*, de L. L. Wurlitzer, pastor presbiteriano brasileiro.

45 Continente onde se passa a principal parte da ação da série *As crônicas de gelo e fogo* de George R. R. Martin.

46 *Lit!*, p. 67-74. As próximas citações vêm todas desse trecho. Vale a pena ler a seção toda em Reinke. Aliás, faça um favor a você mesmo, e compre o livro. Presenteie-se. Você merece e suas ovelhas agradecerão.

Descrentes e céticos ambos sabem o que é rir de histórias humorosas. Ambos conhecemos a alegria de segurar um recém-nascido em nossos braços. Somos ambos atraídos a olhar pensativamente para ondas batendo ao longo da praia. Nós nos entristecemos por amizades quebradas. Temos paixões que nos motivam. Lutamos lado a lado nas mesmas guerras. Somos curados nos mesmos hospitais. Deus abençoou a todos nós com chuvas frutíferas e o quente brilho do Sol (Mt 5.45)... Neste laço comum da experiência humana, autores não cristãos têm poder para se conectarem a leitores cristãos por meio das palavras escritas — para nos mover em assombro para lágrimas e risadas. Neste nível humano, podemos ler e apreciar a humanidade a literatura não cristã.

- 3) Livros não cristãos podem expor o coração humano. É sempre útil entender como o pecado se enrosca no coração humano e como essas coisas funcionam. E, sem dúvida, é bom para o pregador ser movido em seu coração pelo sofrimento que é o pecado humano. Falaremos mais sobre isso adiante.
- 4) Livros não cristãos podem nos ensinar sabedoria. Reinke nos lembra de que diversos personagens bíblicos como Moisés, Salomão, Paulo e outros eram familiarizados com a sabedoria de seu tempo, ainda que soubessem ser necessário corrigi-la.

Há sabedoria em livros não cristãos que é consistente com as Escrituras e útil para viver sabiamente. Ao longo da história, cristãos têm apreciado porções da sabedoria não cristã, não porque os cristãos têm uma elevada apreciação dos autores humanos, mais por terem uma exaltada apreciação pelo Doador que é a fonte de toda bondade moral, mesmo a bondade moral percebida na consciência de um autor pagão.

- 5) Livros não cristãos podem capturar beleza. Reinke nos lembra de que, nesse mundo ruído, muitas vezes há beleza presente mesmo na mistura de erro e acerto que é a cosmovisão descrente e seus produtos culturais. “Leitores cristãos podem apreciar beleza na literatura de não cristãos, pois literatura reflete a beleza de Deus, apesar da condição moral ou espiritual do autor.”
- 6) Leituras não cristãs levantam questões que só podem ser resolvidas em Cristo. Ao mostrar o pensamento e as distorções do des-

crente, estamos mais aptos a apontar a resposta cristã, como Paulo faz em Atos 17.⁴⁷

Escritores descrentes, pela graça comum de Deus, são capazes de prover verdadeiros atalhos para o entendimento do coração humano.⁴⁸ Wadislau Gomes nos lembra:

Não obstante, a graça comum de Deus permite a todos os homens alguns vislumbres da maravilha criada. Assim, mesmo que tenhamos de revelar a foto em negativo e virar de ponta-cabeça as observações que os homens fazem sobre as maravilhas de Deus, a fim de considerá-las segundo a Escritura, vale a pena considerá-las, vale a pena fazê-lo.⁴⁹

A imagem que o descrente pinta deste mundo pode estar severamente errada, mas mesmo no erro iremos aprender sobre o certo.

Descrentes, trabalhando com capital emprestado, são capazes de produzir beleza de tirar o fôlego.⁵⁰ Como explica Cornelius Plantinga: “O pregador leitor irá descobrir que grandes escritores conhecem a estrada para o coração humano e, uma vez chegados ao destino, sabem como mover nossos corações”.⁵¹ Vale ainda notar que sim, material feito por descrentes incluirá descrições e aprovações de vida em pecado. O que não significa que o leitor está aprovando o pecado. A Bíblia lida e expõe o pecado de maneiras diversas. Se reconhecemos que, pela graça comum de Deus, au-

47 Para uma ótima discussão da ação de Paulo, veja K. Scott Oliphint, *A batalha pertence ao Senhor* (Editora Monergismo, 2013).

48 Aliás, vale a pena lembrar que descrentes amam ficção e tiram grande proveito dela. A escritora Flanney O'Connor sugere: “Há algo em nós, como contadores de histórias e ouvintes de histórias, que demanda o ato redentivo, que demanda que o que caiu receba ao menos uma chance de ser restaurado. O leitor atual busca este movimento, e nisso acerta, mas ele esqueceu o custo disso. Seu senso do mal é diluído e incompleto, e assim esqueceu o preço da restauração. Quando ele lê um romance, ele quer ter seus sentidos atormentados ou seus espíritos elevados. Ele quer ser transportando instantaneamente, seja para a danação de mentirinha ou a inocência de mentirinha”. “Some Aspects of the Grotesque in Southern Fiction” em *Mystery and Manners* (Farrar, Straus and Giroux, 1969), p. 48.

49 *Aconselhamento redentivo*, p.139.

50 Vale procurar em Cornelius Van Til discussões sobre como o descrente, mesmo em rebelião contra Deus, segue agindo neste mundo com capital emprestado da verdade divina. Inconsistente com seus pressupostos, ele age com dons dados por Deus para cultivar a guardar o mundo dado por Deus ao mesmo tempo em que detém a verdade pela injustiça.

51 Plantinga, *Reading for Preaching*, p. 6.

tores descrentes podem construir obras de valor, devemos estar abertos à possibilidade de grande benefício a partir de material escrito por rebeldes a Cristo. No mínimo, entenderemos melhor a rebeldia. Assim, tendo lidado brevemente com essas objeções, voltemos a tratar sobre a primeira razão pela qual vale ler ficção.

2.2. *Entendendo o mundo caído por meio de olhos e corações caídos*

Pelo inescapável fato de que o homem é imagem de Deus e porque Deus se revela nesse mundo, mesmo o descrente necessariamente tem de lidar com vislumbres da glória de Deus e responder a eles. O homem, inevitavelmente, vai tentar colocar algo no lugar da verdade, histórias concorrentes que busquem explicar o mundo e o que ele percebe desse mundo sem ter de recorrer ao Deus criador, diante de quem o sabe ser culpado (novamente a dinâmica de Rm 1.18-32). E isso fatalmente irá aparecer nos nossos produtos culturais, como histórias, filmes, livros. Wadislau Gomes explica: “A literatura secular está plena de relatos desse testemunho, mas, sempre negados, substituindo o Criador pela criatura”.⁵² Ou seja, para o leitor astuto que possui a Palavra de Deus como regra de fé e prática e cosmovisão moldada pelo bom livro, fica relativamente fácil perceber nas obras descrentes onde é que há fuga, distorção, idolatria. E assim compreender melhor onde é que se possa construir pontes apologéticas e evangelísticas. O pregador que tem acesso à ficção da humanidade caída pode aprender melhor a respeito da escuridão do coração humano. As histórias que a humanidade cria falam acerca de seu entendimento do que está errado no mundo, de como viver nesse ambiente, e de como resolver o que há de errado. Tony Reinke explica que “estórias fazem mais do que nos entreter ou inspirar. Estórias fazem declarações acerca do mundo em que vivemos. Estórias podem informar a mente e edificar a mente. Se tivermos a história certa, poderemos aprender muito sobre o mundo, nossos problemas e mesmo sobre nós mesmos”.⁵³

O pregador precisa entender algo acerca da cosmovisão dos que o escutam. Não apenas dos descrentes, mas também dos cristãos, pois normalmente são influenciados pelo pensamento de seu tempo. Uma das melhores

⁵² *Sal da terra em terra dos brasis*, p. 70.

⁵³ Reinke, *Lit!*, p. 51.

formas de aprender algo sobre as cosmovisões rebeldes é por meio dos produtos culturais, pois a ficção necessariamente traduz algo da cosmovisão do escritor. Como explica Tony Reinke: “Novelistas animam uma cosmovisão por meio de colocá-la numa de representação da vida. A Literatura dá a uma cosmovisão braços, pernas, orelhas, mãos e bocas”.⁵⁴ Ora, apologética e evangelismo podem ser descritos em termos de confronto de cosmovisões. Assim o pregador vai entender melhor o coração descrente e sua forma de enxergar o mundo e o texto bíblico, podendo antecipar pontos nevrálgicos de conflito e objeções. Mais fácil e talvez mais prazeroso do que ler livros filosóficos e teológicos destilando as diversas formas em que encontramos as cosmovisões diversas, ler ficção fará o pregador perceber melhor como as cosmovisões aparecem no mundo em ação. Gene Fant, no seu livro *God as author* (Deus como autor) discorre sobre tal ideia:

Finalmente, narrativa é acerca da experiência humana. Como pedra angular da cultura, a narrativa ensina nossas crianças sobre heróis e história, sobre Deus e bondade, sobre virtudes e valores. Molda o futuro e ensina a partir do passado. Narrativa nos ajuda a navegar os problemas que vem da vida, seja amor, ódio, medo, doença ou morte. Ajuda-nos a partilhar das alegrias, esperanças, e desejos deste mundo. Enquanto linguagem está atrelada a cultura, o básico da experiência humana transcende a cultura. Todos nós experimentamos amor... todos tememos a morte de alguma maneira... todos nos regozijamos.⁵⁵

Por meio da literatura temos acesso a um ilimitado arquivo de experiências humanas. Isso é valiosíssimo. Como Plantinga explica, o pregador precisa lidar com toda a diversidade da vida debaixo do Sol. “Afinal, a literatura em geral abunda em acidentes, personagens, imagens, e observações que iluminam tudo debaixo do Sol, incluindo a maioria dos assuntos nos quais o pregador tem de se tornar no mínimo um sábio peso médio.”⁵⁶

Leland Ryken, por fim, mostra-nos que há enorme benefício intrínseco no ler ficção:

54 Reinke, *Lit!*, p. 59.

55 Gene Fant Jr., *God As Author* (B&H Publishing, 2010), p. 9.

56 Plantinga, *Reading for Preaching*, p. 74. O livro é muito bom e lida extensivamente com a questão. Ele vai além do que vou neste artigo, falando sobre o enorme valor de ler não ficção, especialmente ensaios jornalísticos.

É falso dizer que literatura é não-utilitária. Os usos... incluem o descanso, esclarecimento de vida, autoconsciência, a expansão da nossa gama de experiências e ampliação de nosso senso de compreensão e descoberta, percepção, intensificação, expressão, beleza, e compreensão... Se é todas essas coisas, a questão acerca de ser um uso legítimo do tempo sequer deveria surgir.⁵⁷

2.3. *Desenvolvendo a empatia*

Nós somos naturalmente voltados ao nosso próprio mundo e experiência, utilizando-a para avaliar e julgar a vida de outrem. Precisamos ser chacoalhados nesse aspecto. O escritor David Foster Wallace tem diversas obras de excepcional qualidade. Novelas, ensaios, contos etc. Mas talvez sua obra mais conhecida seja um discurso de formatura que foi transformado em livro, *Isto é água*. Ele traz diversas instruções sobre a questão de atenção e intencionalidade ao enfrentarmos a vida, e o tema de empatia é frequente. Wallace explica:

Tudo na minha experiência imediata respalda a minha crença profunda de que sou o centro absoluto do universo; a pessoa mais real, fulgurante e essencial que existe. Raramente falamos sobre esse tipo de autocentramento básico e natural, pois ele é socialmente repulsivo, mas no fundo todos nós temos mais ou menos a mesma impressão. É nossa configuração padrão, embutida em nossa placa-mãe desde o nascimento. Pensem nisso: vocês foram o centro absoluto de todas as experiências que tiveram.⁵⁸

Wallace está certo: nós somos a referência interpretativa desse mundo. Dificilmente imaginamos que as outras pessoas tenham vidas emocionais tão densas e ricas como a nossa. Precisamos encontrar maneiras de modificar essa configuração padrão do coração. Desenvolver empatia e entendimento do que se passa na vida dos que têm cosmovisões diferentes fará o pregador ser mais compassivo e, ao mesmo tempo, mais incisivo.

Ao ler ficção, o pregador vai entender melhor a experiência de vida do descrente, podendo, inclusive, desenvolver sua empatia para ver a seriedade das prisões do coração rebelde. James Wood conta que, em 2006, numa área

57 Leland Ryken, *Realms of God: The Classics in the Christian Perspective* (Wipf & Stock, 2003), p. 180. Vale ler toda a seção para uma defesa mais ampla sobre o valor da ficção.

58 David Foster Wallace, *Isto é água*, p. 3.

violenta ao norte da Cidade do México, o prefeito instituiu um programa de leitura de ficção para a força policial. Não sabemos o resultado, mas os objetivos eram bastante interessantes: aumentar o vocabulário, aumentar o entendimento do mundo por meio da experiência dele por meio de outrem, e o benefício ético de crescer na valorização da vida de outros lendo sobre outros. Como Wood resume, o programa visava melhorar o entendimento dos policiais sobre a “linguagem, o mundo e nossa empatia com os outros”.⁵⁹

Não somos acostumados a pensar e enxergar o mundo pelos olhos alheios. “Tendemos a generalizar e universalizar nossa experiência rapidamente demais. Literatura nos ajuda a apreciar a situação e vida de outra pessoa. E em troca, nos encoraja a falar de forma mais paciente e inteligente...”.⁶⁰ Muitos pastores vivem relativamente isolados das formas de pensar deste mundo; a maioria deles não está ombreando com descrentes no escritório, na loja ou na fábrica, muitos não têm descrentes na família nem no círculo de amizades. Ficção ajuda a criar essa empatia necessária para criar sermões que se conectam com os descrentes no lugar que eles estão. Ajuda a, como sugere Tim Keller, ser capaz de explicar ao descrente a posição e a experiência deles melhor do que eles próprios seriam capazes de fazer. Afinal, temos a interpretação correta da vida, do universo e de tudo o mais.⁶¹ Keller diz:

O pregador cristão tem de ser um crítico da descrença. Entretanto, não há virtude em ser um crítico antipático. Será que os descrentes saem sentindo que você é indiferente, despótico ou desconsiderado das visões deles, ou são surpreendidos, até mesmo chocados em quão acuradamente e justamente você representa os próprios problemas deles com o cristianismo? Eles acham que você consegue expressar as ideias céticas deles tão bem quanto — ou talvez até melhor — do que eles mesmos? Comunicadores cristãos têm de mostrar que eles se lembram (ou ao menos entendem) muito bem do que é não crer ao mesmo tempo em que mantém que é possível vir à real segurança da realidade e amor de Deus. Devem fazê-lo por meio de expressar as dúvidas e objeções com apreciação e respeito, de forma coerente, mostrando que ouviram longa e atentamente a elas.⁶²

59 Wood, *Como funciona*, p. 139.

60 Troxel, *Why Preachers Should Read Fiction*, p. 53.

61 Sorrateira referência a uma obra de ficção. Sabes qual?

62 Timothy Keller, *Preaching*, p. 84.

O pregador precisa ser um bom exegeta da Bíblia, e também de pessoas. Entender realmente as objeções e artimanhas da rebeldia do coração humano. Isso implica gastar tempo com pessoas. Mas, além de se relacionar com pessoas fora de seu gabinete, ficção provê um belo atalho para conhecer diversidade de pensamentos. Como defende sabiamente Kevin Vanhoozer:

A melhor maneira de conhecer pessoas é viver entre ela, partilhar suas tristezas, alegrias, desafios e frustrações. No entanto, as pessoas vêm em muitas formas e tamanhos e não há tempo suficiente para se familiarizar com cada indivíduo que se conhece –daí a importância de se familiarizar com a literatura, o laboratório da condição humana... É muito importante que pastores-teólogos se distanciem de si mesmos e aprendam a ver o mundo de outras perspectivas. Para amar os outros, temos de ser capazes de nos colocar no lugar deles. Acaso não é isso que Deus faz por nós em Cristo? Ele se identifica conosco não apenas na imaginação, mas também na encarnação. Não sou negro nem mulher, não sofri violência sexual quando era criança, mas passo a entender um pouco de como é ser uma pessoa assim por meio da leitura de *I know why the caged bird sings* (Eu sei porque o pássaro engaiolado canta) de Maya Angelou. Ler ficção nos ajuda a entender aqueles que não são como nós e nos identificar com eles. Esta é a primeira razão pela qual pastores-teólogos devem ler ficção: conhecer a humanidade em toda sua unidade e diversidade e ser solidário com ela.⁶³

Como Wadislau gosta de dizer, “nos tornamos coautores da leitura”, imprimindo nossas próprias reflexões e carga experiencial na leitura, fazendo de cada ocasião a oportunidade para testar uma cosmovisão diferente à luz da sua própria. O leitor atento vai poder experimentar o mundo pelos olhos do descrente de uma maneira “segura” e que o levará a ter maior empatia pelo sofrimento da rebelião contra Deus, sem, com isso, diminuir sua se-

⁶³ Kevin Vanhoozer, *O pastor como teólogo público: recuperando uma visão perdida* (Vida Nova, 2016), p. 157. Em outra porção ele diz: “Isto é assunto sério: [literatura de] ficção não é meramente algo da esfera fantasiosa, mas um laboratório de possibilidades humanas, em que a condição humana está sendo analisada e testada. Uma obra séria de ficção pode, com mais eficácia do que livros textos, explorar os desafios da vida e do trabalho de um pastor e oferecer mais percepções a respeito deles porque dá aos leitores um gostinho da realidade, não uma lição, mas uma experiência vicária” (p. 30).

riedade. Certa vez, em um almoço com dr. Carl Trueman,⁶⁴ falamos de um improvável interesse que descobrimos ter em comum: ler Cormac McCarthy.⁶⁵ E pensávamos a mesma coisa sobre o autor: de que se trata de um dos melhores caminhos para conhecer a escuridão do coração humano caído. McCarthy é um exímio escritor. Suas caracterizações sobre a capacidade humana para maldade fazem de seus livros algo difícil de engolir; ao mesmo tempo em que ajudam muito o pregador a entender melhor o que é a depravação humana. Sua prosa é quase que desprovida de pontuações e floreios, mas estranhamente bela. Bela como um deserto pode ser belo, não como um jardim japonês. Junto com o entendimento da depravação, há ainda o profundo senso de que, embora arruinados, somos ruína de maravilha.⁶⁶ Por exemplo, no seu livro *A estrada*, McCarthy descreve um mundo que passou por um cataclisma e no qual um pai, junto de seu filho, está atravessando o país em busca de um lugar melhor, e encontra toda sorte de coisas indizíveis no caminho. Mas há, aqui e acolá, estranhos raios de graça, esperança e amor. Fica mesmo a sensação de um paraíso perdido e arruinado, mas ainda pontilhado de graça. Note o anseio por algo que não se vê mais:

Houve um tempo em que havia trutas nos riachos das montanhas. Você podia vê-las na corrente âmbar onde as pontas brancas de suas nadadeiras balançavam suavemente no fluxo. Elas tinham cheiro de musgo na sua mão. Polidas e musculosas e torsionais. Nas costas delas havia padrões vermiculados que eram mapas do mundo em seu tornar-se. Mapas e labirintos. De algo que não podia ser mais retomado. Não podia ser consertado de novo. Nos vales profundos onde elas viviam todas as coisas eram mais antigas que o homem e sussurravam mistério.⁶⁷

O sentido inequívoco de um mundo selvagem e de algo que ficou perdido se mostra em toda a história, ao mesmo tempo em que os personagens lutam de maneira ativamente redentiva para encontrarem vida e “a carregarem a luz”.

64 Foi em uma galeteria gaúcha em Brasília. Após devorar polenta frita, galetto temperado, arroz carreteiro e outros deleites, saímos papeando. Houve então, logo após aquele almoço, um evento envolvendo uma barata morta e o dr. Trueman que poderia gerar um artigo inteiro. Deixemos para outro dia.

65 Autor de livros como *A estrada*, *Onde os fracos não têm vez*, *Meridiano de sangue*.

66 Mais uma frase que Wadislau utiliza com boa frequência.

67 McCarthy, *The Road* (Vintage Books, 2006), p. 286.

Ao ler ficção, o pregador pode ser transportado para os mundos imaginários que os descrentes criam, e aprender sobre o que move, assusta, empolga e aprisiona o coração que ele busca libertar com a proclamação do evangelho. É algo muito útil para ser capaz de talhar a aplicação da mensagem eterna ao contexto em que vive. Nisso ele melhora sua capacidade de comunicação. David Foster Wallace, outro exímio escritor, comenta sobre a importância da ficção em chacoalhar o coração do leitor:

Eu tive um professor de quem gostava que costumava dizer que o trabalho da boa ficção é confortar o atribulado e atribular o confortável... grande parte do propósito da ficção séria é dar ao leitor, que como todos nós está meio que ilhado em seu próprio crânio, dar-lhe acesso imaginativo a outros entes.⁶⁸

Por meio da ficção, o pregador terá contato com o experimentar deste mundo em termos diferentes do que ele está acostumado. Cornelius Plantinga, em *Reading for Preaching* [Lendo para pregar], desafia os pregadores a se tornarem melhores por meio de esticar sua empatia, imaginação e sensibilidade lendo ficção e não ficção que vá além de livros teológicos. Ele explica:

O pregador deve querer um programa de leitura que complique algumas de suas ideias estabelecidas, para impressioná-lo com alguns dos mistérios da vida, com sua variedade, com suas surpresas... se não antes, então o pregador começar a saber tão bem quanto qualquer outro quão frequentemente a vida nos faz querer rir e chorar ao mesmo tempo.⁶⁹

O descrente experimenta o mesmo mundo que o crente, mas sem a grid interpretativa da Palavra de Deus. Ao se expor ao pensamento descrente via ficção, o pregador começa a complicar um pouco suas ideias sobre categorias de pensamento e ação que, na vida real, são mais cheias de nuance do que imaginamos.⁷⁰ O pregador tem a palavra inspirada e deve ser ótimo em interpretá-la; mas, muitas vezes, falta-lhe conhecimento de como o coração

68 Entrevista dada a Larry McCaffery <https://goo.gl/vVqKUx>.

69 Plantinga, *Reading*, p. 95.

70 Milan Kundera certa vez disse: “O novelista diz ao leitor: as coisas não são simples como você pensa... a vida é mais bizarra, fascinante, complexa e rica do que pensamos... ao ler bons escritores nós ganhamos um gosto forte pela variedade da vida, e também por algumas de suas maravilhas”. Em Plantinga, *Reading*, p. 92.

rebelde rejeita a palavra verdadeira e busca criar metanarrativas idólatras que concomitantemente replicam e rejeitam aspectos do reino. Entender melhor o descrente vai ajudar na construção de pontes retóricas que atinjam com real *pathos*⁷¹ o coração diante de Deus. Plantinga afirma:

Para o pregador, conhecimento acerca do que move o coração humano é precioso como ouro e não porque mover o coração seja um bom projeto em si mesmo. Afinal de contas, alguns corações podem ser comovidos por sexo masoquista ou lixo sentimental. Não, o pregador deseja o coração comovido, pois ele então terá ideia de como o poder e a beleza do evangelho podem ser apresentadas para que os corações de seus irmãos e irmãs também sejam movidos.⁷²

Penso que é isso que faz de *Eclesiastes* um livro tão impressionante: o fato de que Salomão está fazendo reflexão teológica após estar profundamente impressionado pelo choro e pelo riso desse mundo. E é capaz de aplicar o bálsamo da revelação de Deus a feridas reais. Mas como esse entendimento da cosmovisão e da experiência do descrente pode se tornar mais concreto? Na próxima seção, exploraremos diversos exemplos de como fazer isso praticamente.

2.4. Pareamento de material teológico com ficção

Literatura pode iluminar para o pregador algo importante sobre como certos elementos teológicos funcionam no mundo real. Lembro-me de uma excelente palestra do dr. Benjamin Shaw sobre o problema do mal em que ele usa magistralmente o livro *Nine Tailors*, de Dorothy Sayers, para ilustrar a questão. Não somente isso, mas o livro, combinado a robusto entendimento bíblico-teológico, foi basilar em ajudá-lo a refletir teologicamente sobre como nós lidamos experiencialmente com a teodiceia.⁷³

71 Na retórica clássica é costume falar acerca de *pathos*, *logos* e *ethos* do comunicador. *Pathos* diz respeito à correta empatia para com ouvintes e para com o conteúdo sendo exposto. Pregador Romanos 11.33-36, por exemplo, sem estar de certa forma comovido e exultante pela forma como Paulo está em sua doxologia é prejudicial à comunicação da verdade apresentada, é trair o texto.

72 Plantinga, *Reading*, p. 6.

73 Sobre teodiceia, um de meus artigos favoritos é de nosso editor Felipe Sabino, veja “Teodiceia calvinista: a resposta de Gordon Clark ao problema do mal” em *A sistemática da vida* (Monergismo, 2015).

Nesta seção, quero mostrar, com exemplos, como o ler ficção pode ajudar o pregador a se aprofundar no conhecimento de temas que são corriqueiros em seu ministério. No livro *Sal da terra em terra dos brasis*, o rev. Wadislau lida com inúmeros exemplos da literatura brasileira. Ele os utiliza a fim de entender a alma do povo brasileiro, enxergando as distorções, idolatrias e a verdade que resta neste povo caído. Leia o livro e por certo você irá se intrigar e desejará adentrar o mundo ficcional de alguns de nossos tesouros nacionais. Fazer isso certamente vai contribuir muito para entender o pensamento do povo brasileiro. Mas há muito mais. Mostro a seguir alguns úteis pareamentos⁷⁴ entre livros teológicos e literatura. Cornelius Plantinga⁷⁵ também faz diversas sugestões como estas, de onde tirei a ideia geral.⁷⁶ Não quero, entretanto, que isto seja visto como uma abordagem meramente utilitarista da literatura; como se ela servisse apenas naquilo que diretamente ajuda no entendimento experiencial de temas teológicos. Apenas desejo mostrar como isso inevitavelmente acontecerá ao mesmo tempo em que o leitor se deleitará alargando mente e coração por meio de histórias.

Ler extensamente fará com que o pregador se aproxime de análises diversas do que move o ser humano. Escritores são especialistas no que move o coração humano e podem ajudar tremendamente. E não falo apenas dos suspeitos de sempre: C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien,⁷⁷ Flannery O'Connor⁷⁸ etc.

74 Como se chama um enólogo de livros? Aqui vou citar primariamente autores estrangeiros. Não é por desprezo aos brasileiros. Sugiro que leias *Sal da terra em terra dos brasis* e ali por certo irás ter o paladar aguçado pelo rev. Wadislau para ler obras diversas da literatura brasileira.

75 Novamente em *Reading for Preaching*.

76 Esta seção é um amálgama de ideias de diversos colaboradores. Nem todos nós lemos todos os livros, as recomendações são do grupo como um todo. Agradeço aos amigos Filipe Schulz, Elizabeth Gomes, Norma Braga, Josaiás Ribeiro Jr, Roberto Vargas e Leonardo Galdino pela frutífera interação. Seus *insights* e encorajamento foram valiosos.

77 Sejamos bem sérios aqui nesta humilde nota. Se você, caro pregador, ainda não leu *As crônicas de Nárnia* ou o *Senhor dos anéis*, faça uma resolução de ano novo, tire férias, leia na academia, mas, por favor, resolva isso logo. Joe Rigney em seu ótimo livro sobre Nárnia explica que “minha razão para ver minhas horas (e dias e anos) em Nárnia como tempo bem gasto é que eu firmemente acredito que sou um melhor marido, melhor pai, melhor amigo, melhor professor, melhor filho e irmão — em suma, um homem e cristão melhor — por causa disto. Viver em Nárnia moldou profundamente minha visão da sociedade, cultura, casamento, educação de filhos, educação e teologia”. Cf. *Living Like a Narnian*, p. 18.

78 Parece-me que ela é ainda pouco conhecida dos teólogos brasileiros. Flannery, além de exímia escritora, é muito perceptiva sobre o que faz as histórias funcionarem para o co-

Mas falo de autores que não partilham da mesma fé que o pregador, ou mesmo os que partilham uma versão um tanto heterodoxa da fé, que podem ser úteis nesse caminho. Os descrentes não têm a história completa e distorcem o que conhecem, mas mesmo isso é valiosíssimo para o pregador.⁷⁹ Para conhecer os caminhos esquisitos do niilismo, *Ardil 22*, de Joseph Heller, vai ajudá-lo de forma diferente (e hilária) da seção sobre o assunto em *O universo ao lado*, de James Sire, e das explicações sobre o assunto em Francis Schaeffer. Para entender a vida, os desafios, agruras e deleites do ministério pastoral, leia, por exemplo, *Vocação perigosa*, de Paul David Tripp, ou *O pastor reformado*, de Richard Baxter. Mas leia também o inigualável romance *Gileade*, de Marilynne Robinson.⁸⁰ Os três vão ensinar o intelecto, influenciar a consciência, mover os afetos, estimular a imaginação e encorajar a vontade — mas de maneira diferente e complementar. A pregação não serve apenas para partilhar conhecimento, mas primariamente para causar uma impressão no ouvinte da glória e verdade divinas que abarque todas essas faculdades humanas.⁸¹ Quer entender melhor o relacionamento entre irmãos e famílias em geral? Leia os diversos relatos bíblicos, bem como os livros de Wadislau e Elizabeth Gomes sobre família.⁸² Mas tome coragem e leia *Em casa*, de Marilynne Robinson, ou *Ruído branco*, de Don Delillo. De modo complementar, a ficção vai colorir a teologia.

Pensar bíblicamente sobre medo pode ser muito útil ao pregador. O livro de Ed Welch, professor de aconselhamento bíblico, *Running scared*, é um

ração humano. Como ela explica: “Há um momento em cada grande estória em que a presença de graça pode ser percebida, em que ela espera para ser aceita ou rejeitada, ainda que o leitor não reconheça tal momento. Escritores de estórias estão sempre falando sobre o que faz uma estória ‘funcionar’. Em minha própria experiência em fazer histórias ‘funcionarem’, eu descobri que o que se faz necessário é uma ação que seja totalmente inesperada, e ainda totalmente crível, e descobri que, para mim, isso sempre envolve uma ação que indica que graça foi oferecida. E frequentemente é uma ação em que o diabo foi inadvertidamente o instrumento da graça”. Cf. O’Connor, *Mystery and Manners: Occasional Fiction*, p. 118.

79 Alguns dos livros sugeridos podem conter porções que firam a consciência do leitor. Exerça cautela e busque saber algo sobre o autor e o livro antes. *Hic sunt dracones*.

80 “Estou disposto a defender que é possível aprender mais sobre a vida de um pastor com a leitura de *Gileade* do que com a leitura de muitos livros de teologia pastoral.” Cf. Vanhoozer, *O pastor como teólogo público*, p.158.

81 Veja em Keller, *Preaching*, p. 139, breve discussão sobre como Martyn Lloyd-Jones e Jonathan Edwards viam esse aspecto da pregação.

82 Por exemplo: *Força para a família na crise moderna* (Editora Monergismo), *Esposa: pela graça mediante a fé* (Editora Refúgio), *O marido olhando sua esposa* (Editora Monergismo), *Irmãos: cúmplices e rivais em aliança* (Editora Cultura Cristã).

tesouro. Assim como sentir e refletir sobre medo lendo as ideias pavorosas de HP Lovecraft e *House of Leaves*, de Mark Z. Danielewski.⁸³

Para entender algo da Queda e seus efeitos devastadores, leia John Murray sobre imputação do pecado e devore Van Til sobre os efeitos noéticos do pecado. E leia *A estrada* ou *Meridiano de sangue*, de Cormac McCarthy, a fim de se arrepiar do jeito bom e do jeito ruim com o que é o homem caído. Ou quem sabe enfrente *As benevolentes*, de Jonathan Littell, ou *Os mil outonos de Jacob de Zoet*, de David Mitchell.⁸⁴ Quer aprender sobre felicidade, domínio próprio e tentação? Leia John Owen sobre a tentação, mas se aventure por *O nome da rosa*, de Umberto Eco. Para pensar sobre como a graça se mostra na vida em redenção, leia *Instrumentos nas mãos do redentor*, de Paul Tripp, *Sal da terra em terra dos Brasis*, de Wadislau Gomes, e não deixe de se arriscar por *Os miseráveis*, de Victor Hugo. Deseja compreender as agruras e deleites da obra missionária? Leia a autobiografia de John G. Paton e se embrenhe pelo interessantíssimo *The book of strange new things*, de Michel Faberou e por *Aquarela*, de Elizabeth Gomes.

Para entender a mente e o funcionamento dos padrões de vícios e viciados, desde substâncias ilícitas até diversão, leia Ed Welch em *Vícios: um banquete no túmulo*, e investigue Thomas Chalmers, em *O poder expulsivo de um novo afeto*. Por outro lado, encare *Trainspotting* de Irvine Welsh. Que tal ler o espetacular *Graça infinita*, de David Foster Wallace, que dará a você profundo entendimento acerca do modo de pensar e das armadilhas dos viciados? Ou ainda *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley. Aliás, ler Huxley será um ótimo complemento para o que James Sire diz sobre Nova Era no seu livro *Universo ao lado*.

Para pensar sobre vingança, retribuição, graça e justiça, o excelente *Bravura indômita*, de Charles Portis, levará a uma aventura junto a uma moça presbiteriana que busca justiça pela morte de seu pai. Será um ótimo companheiro para acompanhar os manuais de soteriologia.

83 Aliás, seria apropriado ler material projetado para causar medo? Recomendo a leitura de um breve artigo do novelista cristão N. D. Wilson acerca da razão dele escrever livros que assustam as crianças: “Why I Write Scary Stories for Children” *The Atlantic Magazine*. Disponível em <https://goo.gl/FcfQ84>. Outro artigo útil é de Justin Taylor, lidando com a mesma questão, em <https://goo.gl/5gKSHi>.

84 Aliás, leia tudo o que puder encontrar de David Mitchell.

Para entender o existencialismo, além de ler Schaeffer, Sire e tantos outros bons teólogos, e quem sabe até se embrenhar com Sartre, vale ler *A peste*, de Albert Camus, e *Metamorfose*, de Kafka. Para conhecer a história da filosofia, *De Tales a Dewey* de Gordon Clark segue incomparável, embora agora tenha a concorrência pesada de John Frame com *A History of Western Philosophy and Theology*. Mas o divertido *O mundo de Sofia*, de Jostein Gardner, vai ser uma forma deleitosa de rever e entender melhor alguns temas.

Para pensar sobre epistemologia e filosofia da ciência, além de manuais filosóficos, temos Van Til, Clark, Michael Polanyi, Alvin Plantinga e muitos outros. Para pensar o lugar da ciência e tecnologia na vida humana, vale ler *Verdade absoluta*, de Nancy Pearcey. Mas que tal pensar epistemologia e filosofia da ciência por meio de *Andróides sonham com ovelhas elétricas?*, de Philip K. Dick? Douglas Adams e sua trilogia de cinco livros⁸⁵ do *Guia dos mochileiros da galáxia* vai ser um caminho hilário, contrabalançado com o mais sóbrio livro *Contato*, de Carl Sagan.

Para refletir sobre pós-modernismo, Gene Veith em seu *Tempos pós-modernos* é apenas um de vários teólogos que nos ajudam, como James K. A. Smith e Charles Taylor. Mas também romancistas como David Foster Wallace, Dave Eggers, Jonathan Safran Foer, Michael Chabon e vários outros serão preciosos para absorver o *ethos* pós-moderno. Ou ainda *A Trilogia de Nova York* de Paul Auster.

Para entender a confusão de gênero, feminismo e sexualidade pós-moderna, além de *Coração e sexualidade*, de Wadislau Gomes, e *Pensamentos secretos de uma convertida improvável*, de Rosaria Butterfield, talvez valha a pena tomar coragem e enfrentar *Uma casa no fim do mundo*, de Michael Cunningham.⁸⁶ Ou então *Garota exemplar*, de Gillian Flynn. Para pensar sobre os efeitos do adultério, além de tantos livros de aconselhamento e manuais de ética, que tal ler *Anna Kariénina*, de Tolstói e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis?⁸⁷

Quer refletir sobre graça? *A festa de Babette*, de Karen Blixen, irá complementar de forma linda as discussões de Agostinho e de Calvino. Quer pensar sobre masculinidade bíblica? Considere ler *O que ele deve ser se quiser*

85 Sim, você leu certo.

86 Aviso, bem pesado!

87 E assim revelei o que penso de Capitu. Ou será que é melhor para pensar sobre paranóia?

casar com minha filha, de Voddie Baucham, e *Futuros homens*, de Douglas Wilson. Mas investigue *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe. Para se tornar mais sensível à realidade de abuso sexual, vale ler o ótimo *Rid of My Disgrace*, de Justin Holcomb. E corajosamente abra *Quarto*, de Emma Donoghue, ou *Homens que não amavam as mulheres*, de Stieg Larsson. Quer se aprofundar na doutrina da Trindade? Leia Agostinho e Michael Reeves, e, por favor, fique bem longe de *A Cabana*.

Quer entender a geração atual? Leia *Não quero ser um pastor bacana*, de Kevin DeYoung, e outros similares, mas leia *Alta fidelidade*, de Nick Hornby, e mesmo *graphic novels* como *Scott Pilgrim vs The World*. Para refletir profundamente sobre idolatria e hedonismo, bem como o antídoto para tais males, *As coisas da terra*, de Joe Rigney, *Deuses falsos*, de Tim Keller, e *King Solomon*, de Philip Ryken; mas se aventure também por *O grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald, *Deuses americanos*, de Neil Gaiman e, novamente, *Graça infinita*, de David Foster Wallace.

Para o assunto redenção, *Os irmãos Karamazov*, de Dostoievski, se une bem a *Cruz de Cristo*, de John Stott, e *Redenção consumada e aplicada*, de John Murray. Ler *Evangellyfish*, de Douglas Wilson, é um ótimo complemento a *Cristianismo e liberalismo* de Machen, pois mostra de maneira romanceada a busca do movimento *seeker-sensitive* de igreja, um herdeiro do modo de pensar que levou ao liberalismo teológico. Sobre expiação, mastigue A. A. Hodge em seu *The Atonement*, ou *A morte da morte na morte de Cristo*, de John Owen, e tantas obras de Teologia Sistemática, mas vale também ler *Reparação*, de Ian McEwan, para entender o desejo humano de expiação que persiste mesmo na Queda se mostrando em formas pretensamente autônomas. A aventura *Os invernos da ilha*, de Rodrigo Duarte Garcia, fará você refletir sobre esses temas ao mesmo tempo em que traz deleite com corsários, tesouros, romance e mistérios.

A fim de entender o pensamento moderno, além do já citado Machen, vale ler *Christianity and Barthianism*, de Cornelius Van Til. Por sugestão do rev. Wadislau, leia *Macunaíma*, de Mário de Andrade, pois “é um bom exemplo do pensamento moderno, especialmente o brasileiro: Macunaíma, o herói sem caráter, nasceu filho de índio, virou loiro e foi para a cidade, viu trem virar taturana e daí em diante. A mesma coisa foi feita com a teologia moderna, que, mesmo usando o vocabulário bíblico, vira outra coisa”⁸⁸

88 Wadislau Gomes, *Todo mundo pensa*, p. 251.

Para pensar sobre os tempos medievais e suas aspirações, há inúmeros bons livros de História da Igreja. Mas combinar com *Os pilares da terra*, de Ken Follett, ou *O físico*, de Noah Gordon, será um fascinante exercício imaginativo. Há ótimos livros de antropologia bíblica que exploram a doutrina da imagem de Deus; por exemplo, *Imago Dei*, de Paulo Anglada, e *Aconselhamento redentivo* ou *Coração e sexualidade*, de Wadislau darão ampla perspectiva sobre o que a Bíblia ensina a respeito do ser humano. Mas, por certo, ler *Não me abandone jamais*, de Kazuo Ishiguro, irá esticar sua imaginação sobre o valor e glória do que é ser humano, ou não.

Depressão é um tema bastante difícil. David Powlison será muito, muito útil, inclusive para fazer você sentir o que é a depressão. E *Graça infinita*, mais uma vez, de David Foster de Wallace, vai refletir acerca de como isso funciona. *Confissões*, de Agostinho, e *De perdoado a perdoador*, de Jay Adams, podem casar bem com *Crime e castigo*, de Dostoiévski, ajudando a entender as dinâmicas de confissão e perdão.

Pensar bíblicamente sobre racismo e escravidão passa por explorar a cuidadosa exegese de John Piper em *O racismo, a cruz e o cristão*. Mas que tal conhecer *Amada*, de Toni Morrison? E Philip Roth mostrando um soberbo exercício de imaginação sobre o que aconteceria caso o antissemitismo dominasse os Estados Unidos em *O complô contra a América*.

Não é substituição e não é algo no mesmo nível; mas é algo extremamente útil para o pregador. Há inúmeros pareamentos a fazer. As sugestões podem ir bem longe!⁸⁹ Certamente, os livros acima não se resumem aos tópicos selecionados, são muito mais que isso. Alguns livros inclusive desafiam simples classificação passando por múltiplos temas de maneira magistral. Destaco entre autores contemporâneos os livros *Graça infinita*, de David Foster Wallace, e *The Bone Clocks*, de David Mitchell, e *Os invernos da ilha*, de Rodrigo Duarte Garcia. Livros que magistral e magnanimamente levam o leitor a uma viagem tensa, bela e transformadora. Os três são livros que tocam em algo muito caro para mim, algo que transborda no livro de Eclesiastes: uma espécie de inquietude diante da fugacidade da vida e sua insatisfação perene, misturados a um senso de deslumbre diante de um mundo que, ainda que quebrado, segue nos dando vislumbres de maravilha em momentos inesperados.

89 Talvez já tenham ido longe demais para os propósitos de um humilde artigo.

Novamente vale notar: a leitura destes livros listados acima deve ser feita tendo muito mais em vista do que meramente ilustrar um sermão ou aprofundar o entendimento. O pregador deve buscar ler amplamente, a fim de desenvolver sua imaginação e capacidade comunicativa. Um subproduto disso será este entendimento que colore e traz nuance ao entendimento teológico e filosófico sobre a vida. Não estou com isso sugerindo que o pregador deva se tornar um crítico literário — eu por certo estou longe de ser um. Mas apenas animá-lo a fim de que diversifique sua dieta e insira um tempero diferente. Não significa ler mais Arthur C. Clarke que Gordon H. Clark, mais Beckett que Bavinck, William Gass que Wadislau Gomes. Não estou sugerindo ser mais familiarizado com os escritos de Poe do que de Powlison, Kafka do que Keller, Tchecov do que Tripp, nem Orwell mais que Owen. Mas conhecer essa turma será útil. Por certo, gaste muito mais tempo com João Calvino do que com Ítalo Calvino. Quanto a Dooyeweerd e Dostoiévski, os dois são assustadores, não são? Siga o conselho do nosso homenageado e leia coisas que são difíceis para você, por certo os dois me assustam também. Leia os Stokers! Tanto Bram, com seu Drácula, quanto como Hendrik, em sua epistemologia reformacional.⁹⁰ O grande objetivo é que o pregador perceba que, ao sair do óbvio, poderá melhorar com pregador.

Isso é importante positivamente a fim de compreendermos como pensam e vivem descrentes, desenvolvendo empatia e compaixão pelos perdidos, e também negativamente para ver onde se dão as inconsistências entre as cosmovisões caídas e o mundo real. Ao entendermos o pensamento dos descrentes, nós vemos onde o sapato aperta; onde a cosmovisão rebelde falha e temos a saída bíblica que liberta a prisão do coração. Não é necessariamente para ficar utilizando citações e histórias e alusões a obras de ficção. Embora isso seja possível, é mais que isso. É para formar uma compreensão cheia de nuance acerca do que é ser humano nesse mundo. E isso pode ser adquirido por meio de habitar em histórias, pois ficção o colocará na pele de outros. Como é que pessoas lidam com crises econômicas? Há diversas histórias que o ajudarão a entender num nível que um mero noticiário não vai. Como é crescer órfão? Como é ter tudo e mesmo assim não ser satisfeito? Como simplicidade, mesquinhez, vergonha e honra se mostram na vida

90 O que é mais apavorante: vampiros ou aspectos modais?

real? A Bíblia lida com essas coisas todas — e ela nos ajudará como lente primordial a fim de verificar, avaliar e catalogar a experiência desse mundo.

3. LER FICÇÃO AJUDA NO PREPARO E ENTREGA DO SERMÃO

Antes de tudo, Eustáquio (como nunca tinha lido os livros adequados) não sabia contar uma história direito.

— C. S. Lewis⁹¹

3.1. *Ficção ensina uso imaginativo da linguagem*

Pregadores precisam ser persuasivos em comunicar as verdades da Palavra de Deus. Sermões têm de ter começo, meio e fim. Sermões têm de ter ritmo, movimento, direção. Sermões precisam apresentar variações de tom, de intensidade. Sermões têm de combinar exposição, ilustração, aplicação. Sermões têm de recontar a história sendo pregada.⁹² Como fazer tudo isso de maneira imaginativa? O pregador pode ser mais diversificado e criativo em apresentar o fruto da exegese. Plantinga explica: “Sermões tem de ser claros, mas eles não precisam ser óbvios. Pregadores podem usar um pouco de coisas indiretas... jogar uma pista, tocar sete tons de uma escala e deixar que os ouvintes terminem na cabeça. Assim nós ouvintes nos tornamos ativos. Começamos a imaginar”.⁹³ Uma estrutura de sermão bem amarrada não apenas contará com começo, meio e fim. Ela poderá também ter temas e ideias recorrentes, plantar ideias no primeiro ponto e colher na conclusão, amarrar ilustração introdutória com ilustrações em cada ponto, retornado a ela na hora de concluir. São maneiras que a beleza da forma instiga a imaginação do ouvinte. Um dos benefícios de ler ficção é justamente “expandir a cor e cadência do pregador no momento da pregação”.⁹⁴ Ao ler aprendemos a dizer.

91 C. S. Lewis, “Príncipe Caspian”, em *As crônicas de Nárnia*, volume único (Martins Fontes, 2005), p. 448.

92 Sugiro ainda o capítulo 2, “Domine a arte de storytelling” no livro *TED: falar, convencer, emocionar* de Carmine Gallo. O autor analisa a popularidade das palestras TED e mostra como os palestrantes em geral são exímios na arte de relatar a história por detrás de sua palestra.

93 Plantinga, *Reading*, p. 56. Estou preparando um artigo sobre beleza na pregação, onde lido com mais aspectos da beleza de forma salientando a beleza do conteúdo.

94 Reynolds, “Preaching and Fiction”, p. 14.

Um dos grandes problemas que vejo em pregadores, especialmente ao exporem passagens narrativas, é a inabilidade de recontar a história de maneira experiencial. Ou mesmo certo desprezo pela história em si em detrimento de expor as doutrinas ali contidas. Muitos parecem querer tratar a narrativa como uma mera mina de onde extrairão pepitas teológico-sistemáticas. Mas Deus revelou histórias, além de outros gêneros. Leland Ryken nos diz:

Um princípio hermenêutico crucial precisa ser estabelecido de partida: significado é comunicado por meio da forma, começando com as próprias palavras do texto, mas indo além destas para considerações de gênero e estilo. Não podemos falar apropriadamente do conteúdo moral ou teológico de uma estória ou poema (por exemplo) sem primeiro interagir com a estória ou poema. Forma literária existe antes do conteúdo no sentido de que não há conteúdo à parte da forma em que está incorporado. Como resultado, a primeira responsabilidade do leitor ou intérprete é assimilar a forma do discurso... o que isso significa é que os autores bíblicos não nos falam simplesmente acerca da vida de Abraão, da rotina diária de um pastor (Salmo 23) ou do estilo de vida indulgente dos ricos na época de Amós (6.4-6), mas por meio dessas coisas acerca de Deus, das pessoas e da vida.⁹⁵

As formas literárias que Deus escolheu a fim de comunicar-se conosco são importantes, não apenas o conteúdo proposicional teológico a ser destilado delas. Isso importa tanto na interpretação quanto na comunicação. Essas formas devem ser utilizadas em sua inteireza a fim de criar no ouvinte a empatia com as personagens que então o levará ao aprendizado teológico de maneira mais plena. Vários dos autores bíblicos são mestres em contar histórias. Lucas, por exemplo. Ao lermos Atos, somos com frequência confrontados com ciclos de tensão e resolução. Por vezes, temos relatos de eventos e ação sucessiva. Estes são intercalados com discursos longos. Mas pregadores, muitas vezes, perdem essas variações de ritmo e as fazem emudecer na pregação.

Como desenvolver essa capacidade de, ao pregar, gerar polítonia em vez de monotonia? Como pensar o desenvolvimento do sermão de forma a

95 Leland Ryken, *The Bible as Literature*, p. 39.

se valer das próprias tensões e ritmo do texto bíblico? Precisamos ser melhores contadores de histórias. Uma ferramenta simples para se tornar melhor nisso é, ora, ler histórias. Ao pregar, muitas vezes, o pregador se apressa para chegar às conclusões e amarrar todo o discurso. Precisamos aprender a andar junto com o texto! Somos rápidos demais em aliviar a tensão e trazer as surpresas. Isso não significa, por exemplo, pregar sobre a crucificação como se não soubéssemos que a ressurreição existe. Mas, ao pregar sobre os eventos da sexta-feira maldita, vale focar neles, permitir que, por meio de sua fala, o ouvinte perceba o peso, o trauma, a violência e a sobriedade do que está se passando.

Pregadores, muitas vezes, são incapazes de transmitir no sermão as tensões e alívios presentes na narrativa que está sendo pregada. Ora, Deus poderia ter revelado de maneira tópica-sistemática as doutrinas que aprendemos em Gêneses, Êxodo, 1 Samuel e Atos. Mas ele quis fazer isso nos inserindo nas histórias do seu povo.⁹⁶ Ele projetou seu livro de maneira que, por meio da leitura, nós vagássemos com José pelas agruras da escravidão em direção ao Egito, habitássemos com Davi na caverna de Adulão, suássemos com Rute nos campos de Boaz, percebéssemos com Paulo a pressão de multidões ensandecidas clamando por sangue apostólico. Como pregadores, somos capazes de replicar com nossas palavras algo real que evoque tais experiências e então as doutrinas que emergirem dali serão mais vívidas e experimentadas em contexto. Craig Troxel explica:

Um autor habilidoso nos capacita a sentir a umidade opressiva de uma floresta e o frescor gélido da água fria, ou cheirar a fragrância da chuva matutina sobre a grama, ou o fedor nauseabundo de um T-Rex prestes a nos devorar. Assim como um autor pode nos capacitar a experimentar estas coisas, ela também pode nos colocar, de maneira comovente, na pele de outra pessoa, a fim de simpatizarmos com a vida de certa personagem, suas frustrações e sentimentos.⁹⁷

96 Para considerações profundas acerca de como exegese, teologia sistemática, teologia bíblica e teologia prática se relacionam, veja o artigo de Wadislau Gomes “Teologia perspectiva, dinâmica e teórico/prática” no livro *A sistemática da vida*.

97 A. Craig Troxel, “Why Preachers Should Read Fiction”, *Ordained Servant*, Vol 16, 2007, p. 52.

Quando um pregador é capaz de colocar seus ouvintes no lugar de Pedro na noite da prisão de Cristo, nós simpatizamos mais com ele ao entendermos as pressões e medos envolvidos em sua negação de Cristo, e isso não diminui o impacto da mensagem. Ao contrário, isso exacerba o impacto, pois, ao nos vermos próximos de Pedro, percebemos quão facilmente faríamos a mesma coisa.

Pregadores devem aprender a usar esse aspecto experiencial a seu favor. Para isso, tem de se tornar melhores leitores e contadores de histórias. Gregory Reynolds esclarece:

A importância do contar de histórias no mundo antigo, bíblico, tem sido largamente ignorada por pregadores reformados. Talvez em reação ao estilo anedótico de pregação evangelical, tenhamos deixado um vácuo que deve ser preenchido. Na cultura mais oral-auditiva do mundo antigo, onde posse pessoal de ‘livros’ era rara, o contar de histórias era o meio primário de propagar e transmitir tradição. O crescimento da sensibilidade oral-auditiva da era eletrônica é um cutucar providencial nos chamando a retornar ao poder da história da redenção para moldar as almas das pessoas.⁹⁸

Ao ler ficção, o pregador se deleita na história bem contada e aprende ele mesmo a se cadenciar melhor no preparo e entrega do sermão.

Exemplos ajudam a entender o que quero dizer. Pensemos no delicioso livro bíblico de Rute. Como queria poder pregá-lo sem que os ouvintes conhecessem o final da história! O mesmo com o livro de Ester. Mas não é por eles saberem que Rute se casa com Boaz ou que Ester e os judeus escapam da morte que o pregador já deva trazer esse elemento nos primeiros sermões no livro. Não é necessário, no início da série,⁹⁹ assegurar o povo de que vai ficar tudo bem; deixe-os habitar um pouco na pele dos personagens! Nos primeiros capítulos da história de José do Egito, não é preciso tranquilizar o

98 Reynolds, “Preaching and Fiction”, p. 16.

99 Aproveito para sugerir que o melhor método de pregação para trazer ao público as tensões e temas bíblicos de forma natural e planejada, seja precisamente a *lectio continua*, ou pregação expositiva em série. Pregando livros inteiros da Bíblia do começo ao fim. Esta é a forma tradicional da herança da Reforma, mas tem sido, infelizmente, preterida em nossos tempos pelo método da *lectio selecta*, onde o pregador a cada semana escolhe um texto avulso das escrituras. Estou preparando um artigo mais detalhado sobre o assunto, mas bons manuais de homilética reformada por certo discutem a questão.

ouvinte de que vai ficar tudo bem; pois o próprio texto não o faz. Ao pregar, não estamos meramente fazendo comentários sobre eventos históricos passados e tirando lições práticas; estamos proclamando o texto inspirado por Deus que o fez propositadamente em diversidade de tons, gêneros e estilos literários. Deixe que o ouvinte perceba os ritmos ditados pelo próprio texto. O autor de Rute não começa prometendo um final feliz. Ele, magistralmente, nos leva por meio de dores e estados emocionais diversos até uma conclusão extraordinariamente satisfatória. O pregador deve percorrer o mesmo percurso, sem ficar buscando atalhos.

Vale lembrar que crianças amam ouvir histórias que já sabem o final. Na verdade, adultos também. Se o pregador respeitar os ritmos e andamento da história, ela será novamente prazerosa. Mas nós somos muito afobados. Pensemos em Ester e em todo o drama sobre a sobrevivência do povo de Deus. Mesmo o crente que nunca tenha lido a história pode deduzir que, de alguma maneira, o povo de Deus será preservado; afinal, há muita Bíblia depois de Ester. Crianças treinadas em anos de EBF sabem bem que, no final da história, tudo acaba bem. Mas o pregador não precisa tratar a história desde o começo como se o triunfo fosse inevitável. O problema é que Mordecai acaba soando como o pregador, sem urgência. Falta habilidade empática de entender e “encarnar” Mordecai, Hamã e Assuero. Não somente isso, mas cada pregador tem sua voz e precisa pregar as diferentes vozes dos autores bíblicos. Soamos da mesma maneira ao pregarmos Paulo e João? Somos capazes de destilar diferenças de ênfases e entonações? Textos de alertas proféticos urgentes devem soar diferentemente na pregação de textos poéticos projetados para acalmar o coração do ouvinte. Como fazer tudo isso e ainda termos nossa própria voz? O escritor de ficção lida com tensão similar; ele precisa, na sua obra, lidar com o estilo pessoal dele mesmo como o autor e com o estilo da miríade de personagens a quem ele dá vida.¹⁰⁰

Outro exemplo: ao pregar uma narrativa da ressurreição, não seja apressado demais. É óbvio que já sabemos o que acontece; mas nossos personagens não sabem. Não estou sugerindo fingir que ninguém sabe e fazer um joguinho de esconder, mas apenas ir devagar. Vale a pena ir lentamente com Maria e as outras mulheres até ao túmulo. Refletir e entender a dor e a desesperança envolvidos, juntamente com o lindo desejo de honrar a Cristo

100 Veja discussão em James Wood, *Como funciona*, p. 42.

mesmo na sua morte, contribuirá para que o ouvinte perceba junto a elas o espanto e a alegria da tumba vazia. Narre a dor do coração, a total falta de boa expectativa, construa a mensagem de forma a levar a certa tensão e, então, apenas refestele-se na surpresa da tumba vazia. Muitas vezes, as pregações são monótonas; sejam acerca de milagre, juízo ou legislação, o pregador soa do mesmo jeito. Por sermos dados a buscar rapidamente a resolução, por vezes traímos o próprio tom do texto. Ao pregar Eclesiastes, mais um exemplo, também erramos no tom. Somos rápidos demais para fugir da dificuldade e da tristeza e fragilidade que o autor experimenta. Queremos correr para o lado bom, para a solução. Deixe com que seus ouvintes sintam o peso do que está acontecendo. Use as palavras de Salomão para que percebam a futilidade e fragilidade de seus projetos e da vida debaixo do Sol. Então, aponte para a solução. Até pregadores experientes erram nesse aspecto.

No seu, em geral, ótimo comentário sobre Gênesis, o pastor James Boice traz valiosíssimos *insights* e ideias que ajudam grandemente qualquer pregador. O livro é composto, essencialmente, de pregações de Boice transcritas e convertidas para um formato mais adequado à leitura. Ao utilizá-lo em preparação para pregar Gênesis 32, deparei-me com um mestre como Boice cometendo o tipo de erro que estou condenando. Jacó está regressando à terra prometida após décadas enganando e sendo enganado em Padã-Hará. Ele se livrou de Labão por meio de intervenção divina e agora está nervosamente se preparando para o encontro com Esaú. Ele envia emissários para avisarem Esaú de seu retorno e testar as águas. Pelo que Jacó sabe, a ira de seu irmão permanece bem acesa. Os emissários voltam e informam que Esaú está vindo e com ele tem 400 homens. Nesse momento da leitura, o leitor, assim como Jacó, não sabe que as intenções de Esaú são pacíficas. O pregador deveria utilizar essa tensão e expectativa a seu favor. A audiência de Moisés não sabe das intenções de Esaú. Deus inspirou Moisés a escrever desta forma. Mas, estranhamente, até mesmo excelentes pregadores como Boice podem perder isso de vista e desperdiçar uma excelente oportunidade de construir tensão naturalmente de maneira a prender o ouvinte. Boice se apressa em assegurar o leitor de que tudo ficará bem e que as intenções de Esaú são pacíficas. Ele poderia ter gasto tempo levando o ouvinte a uma reação mais experiencial, pois todos sabemos o que é o suor frio nas mãos e o ensaio mental de palavras quando estamos indo reatar o relacionamento com alguém a quem ofendemos.

Ou então pensemos na história de Jonas. Apenas no capítulo 4 aprendemos acerca da razão de ele ter fugido em direção a Târsis, a saber, o entendimento de que, sendo Deus misericordioso, poderia ser que muitos ninivitas fossem salvos por meio de sua pregação. Mas pregadores geralmente se apressam a apontar essa razão já no primeiro sermão, ao lidar com a fuga profética. Esperemos. O autor esperou. Há bastante para explorar no capítulo 1 sem precisar entregar a razão da fuga de Jonas. O que importa no começo é que Jonas, obstinadamente, recusou-se a fazer a vontade de Deus. Isso já é suficiente para o pregador aplicar a mensagem.

Como desenvolver essa capacidade de recriar no sermão os elementos da história? Há o aspecto de ser intencional no planejamento do sermão. Mesmo pregadores que não preparam manuscritos devem traçar em suas mentes o caminho oratório que seguirão. Pregadores são, em geral, maus editores. Não gostamos de cortar nossa própria carne. “Aquela frase ficou tão bonita... aquela aplicação secundária daquele subponto está tão legal... aquela conexão obscura que descobri com o profeta Miquéias não pode ficar de fora...” Precisamos aprender a economizar e editar. Que as nossas repetições sejam intencionais e cuidadosas, não causadas por estarmos perdidos diante do que dizer. Nossa ferramenta como pregadores é a linguagem, por isso precisamos nos esmerar em seu uso e aprendizado. Economia e precisão de palavras. Variação de ritmo e tom. Há diversas maneiras formais de melhorarmos nisso tudo. Mas o ponto deste artigo é que, ao lermos boa ficção, aprenderemos a fazer isso de maneira exemplar e prazerosa, como que por osmose intelectual. Tornamo-nos mais imaginativos no nosso uso da linguagem e exploramos novas possibilidades. Ou como Plantinga elucida: “Boa dicção em escritores inspira pregadores a imaginar suas próprias possibilidades, o ouvido do pregador fica afinado ao absorver linguagem excelente mesmo que inconscientemente”.¹⁰¹

Ler literatura vai beneficiar o pregador em tal aspecto. Uma das vantagens imediatas é que você irá se deparar com mestres capazes de contar uma história, a lidar com começo, meio e fim, a plantar sementes que serão colhidas mais adiante. Em particular, ler crônicas e contos e histórias curtas de ficção é um ótimo caminho. Plantinga explica: “Um bom pedaço do planejamento de sermão tem a ver com como começar um sermão, como parar,

101 Plantinga, *Reading*, p. 6.

como introduzir tensão, como, quando e se vamos resolvê-lo. Estes são baluartes do ofício do pregador. E autores de contos trabalham com essas coisas o tempo todo com resultados maravilhosos”.¹⁰²

É claro que pode haver um caminho mais direto para esse desenvolvimento do processo criativo, técnico e artístico de produzir e entregar um sermão. Por certo, ler livros talhados a ensinar técnicas narrativas e retóricas será uma boa ferramenta para pastores. Mas isso soa suspeitamente como trabalho. Estou propondo algo mais lúdico: o ler ficção por prazer, trazendo benefícios homiléticos ao pregador. Aprendendo instintivamente e, ao mesmo tempo, enriquecendo sua cultura geral e sua sensibilidade narrativa, o pregador cresce e acaba mimetizando algo disso nos seus próprios textos e discursos.

Não é apenas o aspecto da estruturação do sermão que é aprimorado por meio da leitura ampla, mas a própria capacidade imaginativa do pregador. Ele precisa treinar sua mente de modo a ser mais criativo nas conexões e elucidações que faz. Para isso, pregadores reformados precisam ler mais do que livros teológicos, para o bem de todos. O pastor Greg Reynolds, da Igreja Presbiteriana Ortodoxa (OPC), um profundo estudioso de Teologia e mídia, explica:

Talvez parte da pregação reformada seja tão chata por causa da falta de imaginação — o que podemos chamar de “imaginação oral”. Ficção bem escrita nos ensina a falar de maneira colorida, eufônica. Linguagem rica e sonora é o tecido das Escrituras e o dom do falar humano.¹⁰³

Boa literatura vai treinar nossa mente e língua, “... convidando as pessoas aos nossos sermões e nos ajudando a expurgar os clichês cristãos aos quais estamos tão acostumados”.¹⁰⁴

O uso da linguagem imaginativa nos ajudará no desenvolvimento de nossas ilustrações homiléticas, não apenas no sentido de termos histórias para utilizar; mas, muito mais que isso, no próprio treino do uso da linguagem. Grandes escritores são exímios criadores de metáforas, de ilustrações.

102 Plantinga, *Reading*, p. 10

103 Reynolds, “Preaching and Fiction”, p. 16.

104 Reynolds, “Preaching and Fiction”, p. 16.

São capazes de nos fazer ver com novos olhos um objeto, evento ou situação por meio de comparações inusitadas e imaginativas. O que se chama de estranhamento.¹⁰⁵ A verdade pode ser dita de modo a desequilibrar, ou “defamiliarizar”¹⁰⁶ o ouvinte. Dizer a verdade já conhecida, mas fazê-lo de uma forma diferente que o ouvinte está acostumado, serve para lançar nova luz. A ideia é fazer com que aquilo que é familiar chegue de maneira um tanto estranha, causando deleite e novo entendimento. Scott Redd diz: “Literatura habilidosa, e ensino habilidoso devem criar uma experiência similar a ver algo como se fosse novo... boa escrita força seu leitor a diminuir a velocidade, ficar atento a seu processo de percepção e participar no ato criativo e pedagógico”.¹⁰⁷

Ler material imaginativo é uma forma de nos despertar e nos treinar na capacidade de despertar outros com nossas próprias subcriações. Como Tony Reinke comenta, Deus utiliza em Apocalipse linguagem fortemente vívida e imaginativa, a fim de nos impactar com imagens e ideias que nos tiram do conforto meramente proposicional nos levando a considerar a grandeza do que se passa:

As imagens em Apocalipse são projetadas para nos fazer santos... As imagens alargadoras da imaginação são o método de Deus para aplicar um desfibrilador espiritual sobre os corações lentos de cristãos preguiçosos. As imagens são para cristãos que estão se tornando preguiçosos e começando a ceder ao mundo, cristãos que estão permitindo que seus corações sejam gradualmente endurecidos pelo pecado. A resposta é choque espiritual... Quando a idolatria começa a atrair o coração cristão, Deus alcança nossa imaginação com imagens planejadas para nos chocar de volta à vi-

105 Ver ótima discussão cheia de exemplos em Wood, *Como funciona*, p. 164-171.

106 Neologismo a partir do inglês *defamiliarize*. Algo literalmente como “retirar a familiaridade”.

107 Scott Redd, “Saying it Anew: Strange-Making as a Pedagogical Device”, em *For the World: Essays in Honor of Richard Pratt, Jr.* (Presbyterian and Reformed Publish, 2014), p. 23. Nesse artigo Scott Redd, comentando as teorias de literatura e arte de Viktor Shklovsky, investiga algo interessante. Ele mostra que, no caso da escrita, certas formas de escrever buscam fazer com que a escrita em si seja o mais transparente possível a fim de que o leitor tenha contato direto e imediato com o objeto descrito. Mas, por vezes, a tentativa escrita de remover o autor, faz com que o objeto apresentado seja percebido de maneira demasiadamente matemática, sem a arte envolvida em causa o impacto da percepção que o autor poderia ter causado. Algo similar ocorre com o pregador que tenta remover sua voz.

bração espiritual. As imagens [de Apocalipse] nos dão foco eterno e nos fazem reavaliar nossas prioridades. As imagens alimentam nosso zelo para matar o pecado pessoal, nos manter alertas quanto à pureza da igreja local, informar nosso conselho para outros pecadores, aprofundar nosso amor pelos perdidos, nos fazer mais diligentes na oração, nos enojar para com nossas idolatrias pessoais, nos deixar insatisfeitos com nosso mundanismo, e provocar um anseio em nosso coração pelo retorno de Cristo. Apocalipse nos convida a ver a realidade última através nas nossas imaginações, em imagens que são tiradoras de fôlego, chamuscadoras da terra, esticadoras da mente, derrotadoras de pecado, matadoras de dragão, centradas em Cristo, glorificadoras a Deus que mudam como pensamos, agimos e falamos. Ver literatura imaginativa como um gênero apropriado apenas para entreter crianças é um ato de negligência espiritual.¹⁰⁸

De certa forma, a linguagem poética é justamente linguagem projetada para desequilibrar e trazer novo entendimento por meio de um caminho mais difícil. É precisamente a dificuldade um pouco maior que leva a maior compreensão. Não estamos, espero que fique claro, defendendo sermões declamados como poesia, nem linguagem obscura ou difícil de entender. Mas linguagem que, por vezes, cause certa estranheza no ouvinte, por meio de recursos diversos. Redd conclui: “Quando combinada com amor pela ortodoxia, fidelidade à Escritura, e respeito pela tradição, o estranhamento habilidoso pode ser arma ponderosa para a pregação e o ensino da Palavra de Deus”.¹⁰⁹

3.2. Sobre ler boa não ficção

Aproveito que o artigo já está longo e que o leitor continua aqui para falar um pouco de como alguns tipos de não ficção podem ajudar nisso tudo. Fica aqui de brinde, um *lagniappe*.¹¹⁰ Há muito material que ajudará o pregador de forma similar à da ficção. Textos bem escritos, imaginativos e capazes de alargar a empatia e a capacidade comunicativa do pregador. Novamente, trata-se de mais do que meramente garimpar material para ilustração. O objetivo maior é ampliar o entendimento do que se passa nesse mundo, ainda que as lentes pelas quais os autores enxergam sejam defeituosas.

108 Reinke, *Lit!*, p. 88-92.

109 Redd, *Saying it Anew*, p. 30.

110 Procure o significado desta palavra, a ideia por trás dela. Pronto, você ganhou uma ilustração de sermão de presente, ou de *lagniappe*.

Há muito material de não ficção que ajuda tremendamente o pregador, não apenas por informar acerca de enorme variedade de tópicos, mas por, novamente, modelar como comunicar de maneira eficiente e atraente verdades densas e, muitas vezes, não familiares. Em particular, recomendo a leitura de material escrito à semelhança do texto jornalístico investigativo. Não me refiro a material meramente noticiário, pois tal tipo de texto muitas vezes é bastante pobre. Mas de ensaios como os de John Jeremiah Sullivan, David Foster Wallace, Mary Roach, Malcolm Gladwell,¹¹¹ Oliver Sacks, Chuck Klosterman, Michael Sandel, Sam Kean e tantos outros.¹¹² Há diversos livros colecionando os artigos destes, bem como livros inteiros que eles desenvolveram a partir de ensaios. Para quem lê inglês, a coletânea anual *Best American Essays* é um excelente recurso. São exímios escritores usando texto jornalístico projetado para criar empatia e alargar o pensamento do leitor por meio de excelente qualidade de escrita.¹¹³

Além de prover bom material para ilustrações, eles expandem a mente do pregador acerca do funcionamento deste mundo e ajuda a ver um grande comunicador em ação — simplificando, ilustrando e aplicando verdades profundas, que é, afinal, nossa tarefa.

Visite alguns desses autores e deleite-se na capacidade de fazer praticamente qualquer assunto se tornar interessante pelo uso sábio e vívido da linguagem. Novamente, não apenas pelos *insights* e frondoso material para ilustrações, mas por conta da habilidade dos escritores. Eles são capazes de enveredar por temas correlatos e subtemas sem perder o foco do tema central, capazes de ilustrar seus pontos com histórias intrigantes e fortalecer o ponto que explicavam. Vale a pena, por exemplo, ler *A queda*, de Diogo Mainardi, e ver a maestria da tecitura que ele cria entre temas, reflexões, ideias e conclusões. Por que pregadores não são melhores nisso? Aliás, nisso

111 Autores como estes são mestres em criar teias de ideias envolventes em que desenvolvem seus temas centrais de maneira interessante, imaginativa e pouco cansativa. E muitos deles publicaram livros intrigantes que ajudam tremendamente a tarefa do pregador. Pegue, por exemplo, um dos livros de Malcolm Gladwell, como *Blink* ou *Fora de série...* todos eles lidam com temas curiosos e cotidianos, mas que seriam potencialmente enfadonhos, utilizando comunicação excelente.

112 Vá em frente, caro leitor! Procure esses nomes na sua livraria mais próxima. Penso que não irá se arrepender.

113 Aliás, lançam coletâneas anuais primorosas sobre os melhores textos escritos a respeito de viagens, esportes, ciência e assim por diante.

tudo, ler poesia pode ter enormes benefícios também. Mas isso é assunto para outro artigo.¹¹⁴

Mas não é isso um risco? Acabarmos por nos tornar pregadores dos temas dos periódicos e listas de *best-sellers* em vez de pregadores da Palavra de Deus? Não acabaremos por obscurecer o que é para ser claro? Infelizmente, há pregadores que pautam seus sermões pelas revistas semanais e os tópicos quentes do momento. É claro que há o risco de o pregador se enamorar de tal forma de certas ideias que elas acabem por sequestrar o tempo e a atenção de maneira deturpada. Mas a ideia é que, ao pensar e entender melhor como se comunicar, o pregador venha a ter maior liberdade, não menor. De qualquer forma, o alerta é necessário e útil. Tim Keller, em seu livro sobre pregação, discute o entendimento do puritano William Perkins, pai da pregação puritana em seu estilo simples, acerca da preparação do pregador. Mesmo o estilo puritano sendo bem distinto do estilo anglicano, o último primando pelos floreios retóricos rebuscados, Perkins e outros não fugiam de leituras que pudessem ampliar o escopo de seu entendimento do mundo a seu redor. Keller explica que, embora Perkins corretamente entendesse que a pregação da Palavra não é composta de habilidade humana, isso não significa que “o púlpito deva ser marcado por falta de conhecimento ou educação... o ministro pode, de fato deve, privativamente fazer livre uso das artes e filosofia em geral assim como empregar ampla variedade de leitura enquanto prepara seu sermão”.¹¹⁵ Isso significa que não posso fazer menção a algo interessante que li em Malcolm Gladwell? Não. Mas isso significa que nós, por convicções teológicas e um profundo senso de nossa missão, não estamos expondo o conteúdo de *O ponto da virada* ou *O que se passa na cabeça dos cachorros*. Estamos pregando a Bíblia. E se uma ilustração ou *insight* de Gladwell vier a ajudar na proclamação contemporânea do texto, então é legítimo o uso.

3.3. Quarta razão: ler ficção é um deleite

Por fim, um benefício para o pregador acerca de ler ficção é, ora, pois, porque ficção é um deleite. Pode parecer que estamos aqui justificando o

114 Veja Gregory Reynolds, “Preaching and Poetry: learning the power of speech, *Ordained Servant*, Vol 16, 2007. E ainda as considerações de John Piper sobre o valor da poesia em seu excepcional livro *Seeing Beauty and Saying Beautifully* (Crossway, 2014). E ainda o artigo “The Preacher and the Poets: Some thoughts” de Roger Wagner, *Ordained Servant*, Vol 16, 2007.

115 William Perkins, citado em Keller, *Preaching*, p. 2.

consumo de ficção apenas por resultados práticos e diretamente mensuráveis. Isso seria algo perverso. Não devemos transformar o deleite de ler boa ficção no equivalente alimentício a comer vegetais por obrigação.¹¹⁶ Como Reinke afirma e incorpora as ideias de James Sire ao dizer: “Boa literatura instrui o leitor ao deleitar o leitor, pois leitores atentos estão unindo coisas que nunca deveriam ser separadas —excitação e conhecimento, alegria e verdade, êxtase e valor”.¹¹⁷ No sermão, deleitamos o ouvinte.¹¹⁸

Ao nos deleitarmos em situações imaginárias, exercitamos nossa própria imaginação. Esta é uma poderosa parte do que é o ser humano e de como ele investiga e se relaciona com o mundo. A imaginação necessariamente será atingida pelo pregador, o importante é que ele esteja consciente e saiba fazer bom proveito disso. E, como Wadislau ensina, imaginação não diz respeito apenas a pensar sobre coisa que não existem, mas é uma faculdade humana diretamente conectada à esperança e ao planejar do futuro em ação. Wadislau explica: “Quanto à habitação, o homem é um ser religioso; quanto à imaginação, é receptivamente criativo; e quanto à operação, é ativamente redentivo. Ele é referente a Deus, tende a recriar ou reorganizar as coisas criadas, e se inclina a consertar coisas quebradas”.¹¹⁹ O homem precisa da imaginação a fim de agir sobre o mundo. Ele explica ainda: “A afeição, ou substrato afetivo da tríade fé/esperança /amor/ desdobra-se no afeto ou extrato afetivo da habitação (fé), imaginação (esperança) e operação (amor)”.¹²⁰ Pensando nesses termos, a Palavra de Deus constrói a fé e anima a esperança que se mostra em amor. Ao ouvir a Palavra de Deus, o cristão tem sua habitação de fé reforçada, sua imaginação lida com coisas que não são, mas podem vir a ser, e sua vontade movida pelo amor opera nesse mundo. Wadislau nota bem que esses termos não descrevem áreas estanques, mas elementos que se misturam e se sobrepõem. Parte do trabalho do que ministra a Palavra (em aconselhamento e em pregação) é ajudar a pessoa a reimaginar o mundo

116 Veja Alan Jacobs, citado em Reinke, *Lit!*, p. 102. É claro, se você, amado leitor, é das pessoas que ama verduras, esta metáfora não se aplica, mas por certo há de haver algum alimento que te seja detestável e que comes por obrigação.

117 Reinke, *Lit!*, p. 103-104.

118 Estou preparando um artigo sobre o lugar do deleite na pregação. Sei bem que já é o terceiro ou quarto artigo que prometo aqui nas notas de rodapé. É uma forma de me comprometer e de fato terminar de escrever.

119 Wadislau Gomes, *Aconselhamento redentivo*, p. 144.

120 Wadislau Gomes, *Prática de aconselhamento redentivo*, p. 72.

baseando-se na fé em que agora habita: "... ele refaz tudo aquilo que imagina sobre a realidade da vida, com base na crença, esperança e confiança nas verdades expostas ali na Escritura".¹²¹

Não há nada errado em aproveitar tremendamente os mundos e situações fictícias criados pela imaginação humana. Plantinga explica: "Boa leitura gera deleite, e o pregador deve aproveitar tal coisa sem culpa. Deleite é parte do *shalom* de Deus e o pregador que adentra este mundo de deleite segue com Deus".¹²²

Como estamos insistindo, há inúmeros benefícios, mas há muito prazer também! Um dos deleites deste mundo é aproveitarmos o bom mundo de Deus por meio dos olhares atentos de artistas diversos.¹²³ Como Wood defende: "Não lemos a fim de tirar benefícios da literatura. Lemos literatura porque ela nos agrada, nos comove, é bonita e assim por diante — porque é viva e nós estamos vivos".¹²⁴ Habitar em ficção, lida ou assistida, é um deleite. Sejam as Crônicas de Nárnia, Jornada nas Estrelas, Dr. Who, Os Miseráveis, o Guia dos Mochileiros da Galáxia, as aventuras de Sherlock Holmes, dos agentes Jack Ryan ou James Bond, do detetive tetraplégico Lincoln Rhyme ou tantos outros. "A cultura pop nos influencia nos convidando para mundos imaginativos, nos permitindo experimentar outras perspectivas sobre a realidade."¹²⁵ Não apenas mundos imaginários! Mas qualquer mundo que não seja o seu! Ao ler, é possível sentir-se como um cowboy ou um pescador de mares perigosos ou qualquer outra coisa que o autor tenha criado. Embrenhar-se por histórias irreais, experimentar a vida pelos olhos de um detetive, um soldado, um astronauta, investigar mundos impossíveis... são formas de o pregador aprender e ainda por cima esticar sua imaginação. O exercício de ampliação imaginativa por meio da ficção vai ter benefícios difíceis de mensurar, mas bastante reais.¹²⁶

121 Wadislau Gomes, *Prática de aconselhamento redentivo*, p. 74. Vale ainda gastar tempo com o precioso artigo de Wadislau chamado "Pregação e Aconselhamento: uma aproximação multiperspectiva", *Fides Reformata* No 1 (2007):73-99.

122 Plantinga Jr., *Reading for Preaching*, location 87.

123 Veja excelente discussão sobre isso no livro de Jerram Barrs, *Echoes of Eden: Reflections on Christianity, Literature and the arts* (Crossway Books, 2012). Em particular no capítulo 2.

124 Wood, *Como funciona*, p. 140.

125 Turnau, *Poplogetics*, p. 27.

126 Para boa discussão sobre o uso e desenvolvimento da imaginação, veja o capítulo 6 do livro de Reinke, *Lit!*.

A proposta deste ensaio não é a de colocar mais uma carga sobre os já sobrecarregados ombros pastorais, mas sugerir que, ao criar um hábito deleitoso como o de boa leitura imaginativa, o pregador cresça enquanto descansa. Estou sugerindo que você utilize uma forma de descanso para melhorar e que, por meio da diversão da boa ficção, você, sem perceber direito como, estará se tornando melhor pregador. Ofereço um atalho que, em médio prazo, facilitará muito o pensar em aplicações e ilustrações e fará você melhor na comunicação, no ritmo, na estrutura. Não é ler para conseguir ilustrações saborosas — embora isso vá acontecer. É mais que isso. É ler para entender os corações das pessoas que vivem no nosso mundo e para quem você precisa aplicar a Palavra de Deus. É ler para ver na prática como cosmovisões diversas lidam com o mundo. É ler a fim de entender como as verdades do evangelho iluminam a compreensão de tudo na nossa cultura. Afinal, “o pregador evoca o grande mundo de Deus por detrás do nosso mundinho, nos desvencilhando de nossas convenções melancólicas, abrindo o caminho para possibilidades que olhos não viram, nem ouvidos ouviram e nenhuma imaginação concebeu”.¹²⁷

CONCLUSÃO: COLOCANDO EM PRÁTICA

A tarefa do pregador é gigantescamente espantosa. Ele não é um mero palestrante informando a audiência sobre fatos. Ele não é um manipulador de emoções. Ele não é um comediante. Ele é um arauto de Deus com a missão de transmitir fielmente a Palavra de Deus de modo a alcançar o intelecto, influenciar a vontade, redirecionar as emoções e, sim, até mesmo excitar a imaginação do ouvinte. Como diz Plantinga:

Acima de tudo, o pregador que lê amplamente tem uma oportunidade de se tornar sábio. Poucas pessoas entendem o desafio do pregador. Aonde mais na vida a pessoa tem de se levantar semanalmente diante de uma audiência mista e falar de maneira atraente sobre os tópicos mais pesados que a humanidade conhece — Deus, vida, morte, pecado, graça, amor, ódio, esperança, desespero, a paixão e a ressurreição de Jesus Cristo? Quem está sequer perto de ser adequado para tal desafio?¹²⁸

127 Plantinga, *Reading for Preaching*, p. 45.

128 Plantinga, *Reading for Preaching*, loc 98.

Precisamos de toda ajuda possível. Ler amplamente vai ajudar o pregador em termos de ter mais olhos, mentes e ouvidos trabalhando para ele a fim de entender o coração e o que move o ser humano.¹²⁹ Gene Veith nos desafia a alcançar nossa geração de maneira mais sábia:

ensinar a fé... deve envolver despertá-los à beleza, ao anseio, o perigo atraente. O ponto não é apenas que precisamos de mais poetas e outros artistas como George Herbert, embora seja o caso também. Precisamos de mais apologetas como C. S. Lewis, que sejam capazes de alcançar o intelecto e a imaginação das pessoas hoje, que são, de muitas maneiras, diferentes daquelas a quem Lewis se dirigia em seu tempo. E precisamos de mais escritores como J. R. R. Tolkien que, embora não lide diretamente com questões religiosas, possa expandir a imaginação de seus leitores e enchê-los com um desejo por realidades além deste mundo. Mas também precisamos de pregadores que, como Ezequiel, possam mover seus ouvintes a uma reação mais profunda. Precisamos de pessoas que possam testemunhar a seus amigos de forma que a mensagem do evangelho não seja facilmente rejeitada, mas que penetre fundo... A Palavra de Deus é muito mais do que ideias abstratas. Ela certamente ensina verdades proposicionais inerrantes, e o faz por meio de narrativas históricas, parábolas, poesia, e linguagem figurada — todas as quais atingem a imaginação no caminho para atingir o coração. Enquanto isso, todos os cristãos — especialmente os que encaram a mentalidade desumanizadora, reducionista e materialista de nosso tempo — precisam amar a Deus com toda sua mente, o que inclui a imaginação.¹³⁰

Não é apenas porque ler ficção será proveitoso em diversos níveis; mas é algo que contribuirá para adornar a teologia que dizemos esposar. Afinal, somos entusiastas da doutrina da graça comum, amamos as verdades sobre o valor de um mundo criado muito bom, ansiamos pela renovação deste mundo na grande consumação. Como explica Greg Reynolds: “Nossa própria teologia nos compele a cultivar interesses mais amplos do que apenas a teologia em si, pois somos chamados para ministrar para as pessoas no mundo ao nosso redor. Entendê-los, simpatizar, ter empatia com eles não é opcional”.¹³¹

129 Plantinga, *Reading for Preaching*, loc 61.

130 Gene Veith e Matt Ristuccia, *Imagination Redeemed: Glorifying God with a Neglected Part of your Mind* (Crossway, 2015), loc 2150.

131 Reynolds, “Preaching and Fiction”, p. 15.

Por onde começar? Por algo que já interessa a você. Um caminho útil é escolher um filme que você tenha gostado e que tenha sido baseado em algum livro. Então, achar mais livros do mesmo autor. Sejam histórias de detetive, romances históricos ou ficção científica. Não há nada de errado em ler seu gênero favorito, mesmo que não se trate de um autor desses que costumam ganhar prêmios Pulitzer ou Nobel. Nelson DeMille, Stephen King, J. K. Rowling, Agatha Christie, John Le Carré, George R. R. Martin... são todos mestres em prender a atenção do leitor e criar imagens vívidas utilizando apenas a palavra.

Há diversos livros que podem ajudar o leitor novato a se inteirar das inúmeras possibilidades dentro do mundo da ficção.¹³² Outra possibilidade é pegar uma lista comentada como a que Philip e Leland Ryken produziram no livro *Pastors in the classics: timeless lessons in life and ministry from world literature* [Pastores nos clássicos: lições atemporais sobre vida e ministério na literatura mundial]. Leland Ryken tem ainda um livro chamado *Realms of gold: the classics in christian perspective* [Reinos de ouro: os clássicos na perspectiva cristã] que irá aguçar o interesse por obras diversas. Outro bom caminho é *From Achilles to Christ: why christians should read the pagan classics* [De Aquiles a Cristo: porque cristãos deveriam ler os clássicos pagãos] de Louis Markos, que lida com Homero, Ésquilo, Virgílio e outros. Ou então se aventure pelos autores sugeridos por Douglas Wilson em *Writers to read: nine names that belong on your bookshelf* [Escritores a ler: Nove nomes que precisam estar em sua estante]. Há, ainda, coletâneas de autores como Harold Bloom que lidam com o chamado cânon ocidental da literatura. Um bom lugar para conhecer um pouco da literatura contemporânea e, quem sabe, se animar a procurar um ou outro autor, é o livro *Por que ler os contemporâneos*, que traz resumos breves dos temas e principais obras de 101 escritores de todo o mundo.¹³³

David Foster Wallace disse que o trabalho da ficção é “atribular o confortável e confortar o atribulado”. Esta é uma boa, embora simplista, defini-

132 Um livro como *A poeira da glória: uma (inesperada) história da literatura brasileira* (Ed. Record, 2015) de Martim Vasques da Cunha vai ajudar o pregador a entender a cultura brasileira por meio de uma densa e prática análise da sua literatura, e vice-versa. E por certo irá gerar o interesse de ler algumas das obras citadas. Algo similar ocorre com o já referenciado *Sal da terra em terra dos Brasis*, de Wadislau Gomes.

133 Organizado por Lea Masina, Daniela Langer, Rafael Bán Jacobse e Rodrigo Rosp. Editora Dublinense, 2014.

ção da função do pregador no que diz respeito ao ouvinte. Atribular com a lei e confortar com o evangelho. Ao entender como os mestres da ficção fazem, o pregador tacitamente irá aprender a fazer melhor sua própria tarefa. Ler ficção é bom para pastor. Como diz Wadislau, a literatura “pelo seu caráter artístico, consegue ver a beleza escondida em meio da presente corrupção da queda quer por meio da ira quer por meio da gratidão que declaram a glória de Deus”.¹³⁴ Ficção é sempre teorreferente.

Ao criar seu sermão, o pregador está replicando para seus ouvintes em contexto e por meio da sua individualidade a mensagem inerrante e eterna da Palavra de Deus. E ele deve buscar fazê-lo com esmero. Ele deve fazer com que seu sermão alargue o pensamento do ouvinte, lance luz sobre seu coração, excite sua imaginação e incline sua vontade. David Mitchell é um dos maiores escritores vivos.¹³⁵ Conhecido por sua beleza de vocabulário, profundidade temática e criatividade estilística, certa vez, numa entrevista ao *New York Times*, Mitchell falou sobre o processo criativo e o impulso por detrás dele:

“Eu não aguento viver nesse gigantesco e belo mundo”, disse Mitchell gesticulando em direção às colinas verdes e o reluzente calmo mar, “e não tentar imitá-lo da melhor forma que eu puder. Esse é o desejo e o impulso. Mas é talvez algo mais próximo de sede ou fome. A única maneira pela qual posso saciá-la é tentando duplicá-lo na maior escala que eu for capaz. Eu quero capturar isso”, ele disse, girando num círculo sobre a areia e gesticulando além da praia e das colinas, “passando por todo o mundo e até a sua casa e percorrendo tudo até voltar. Quero fazer tudo isso e transmitir por meio de tinta”.¹³⁶

Permita-me, humildemente, sugerir que a tarefa do pregador é a mesma. Mas ainda melhor. Cabe ao pregador traduzir o mundo e a explicação divina sobre o mundo em subcriações que replicam uma fatia dessa beleza e significado. Em palavras em vez de tinta. Ao mesmo tempo em que aponta para o novo mundo.

O pregador tem uma tarefa ímpar. Ele conta para seres deste mundo a verdadeira história por trás deste mundo, aquele de onde todos tiram suas

¹³⁴Wadislau Gomes, “Teologia perspectiva, dinâmica e teórico/prática”, p. 56.

¹³⁵Quem decide essas coisas?

¹³⁶David Mitchell, *The Experimentalist*. Entrevista ao *The New York Times Magazine*, 25 de Junho de 2010. Disponível em <https://goo.gl/FT4ngs>.

próprias histórias, sejam elas falsas e rebeldes, ou humildemente fiéis à história real. E, ao pregar, produzindo vida e morte pela ação soberana do Espírito Santo, ele não somente fala acerca da história, mas avança a própria história, lançando luz sobre trevas, sendo instrumental no trazer do novo mundo. O arauto de Cristo fala em nome do autor, contador e consumidor da história ao mesmo tempo em que avança a história pelo próprio ato de proclamá-la no tempo e no espaço. Que honra é participar disso tudo! Ficam aqui humildes sugestões de se deleitar ao mesmo tempo em que melhor se qualifica para sua missão. Mundos fictícios o aguardam. Basta tomar e ler.